A CENA MUDA



Nº 18 ★ 5-5-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

★ O «CINERAMA»

★ «3-D» NA RÚSSIA (sem óculos)

★ «CINEMASCOPE».

★ UMA SENSACIONAL REPORTAGEM!

Os seus pés devem ser um ponto de Admiração



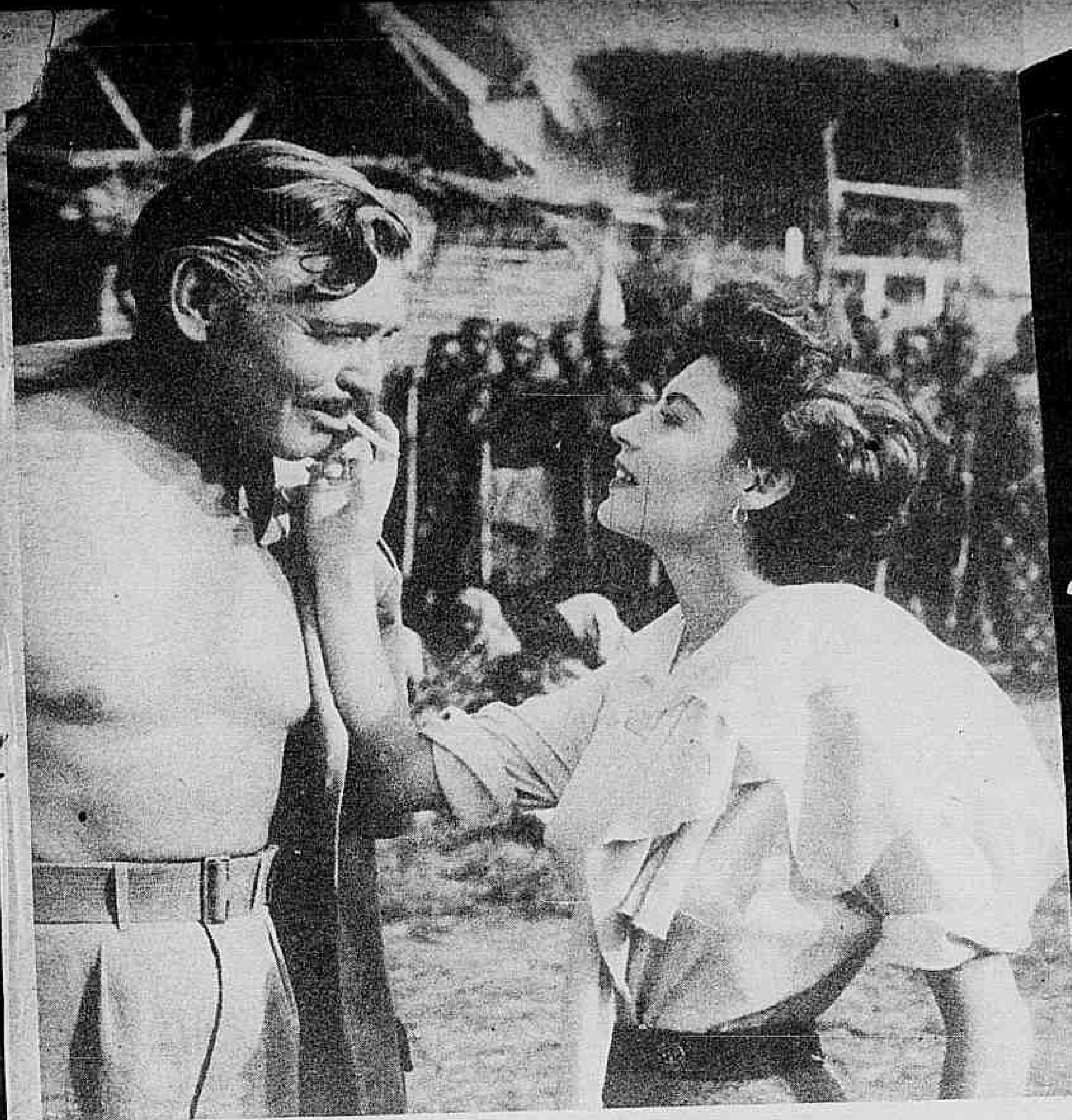
Qualidade-Preço
Originalidade
são os 3 encantos
da INSINUANTE

Creação de Mister
JAMES para a Sapata-
ria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

É a maior e melhor
Sapataria da America
Latina, e é tambem
uma galeria á sua
disposição.



MOGAMBO

Clark Gable e Ava Gardner. Êle, «canastrão» ao extremo. Ela, bem como raras vêzes apareceu.

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL M. G. M.

2,5 MOGAMBO

"A CENA" nº 18 de 5/5/1954

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

Quais os filmes que desejaria rever? 5
Os melhores de todos os tempos 6
A «3-D» sem óculos 10
O «Dia das Mães» no cinema 14
Os grandes vultos da atualidade e do passado 16
Patrícia Lacerda 22

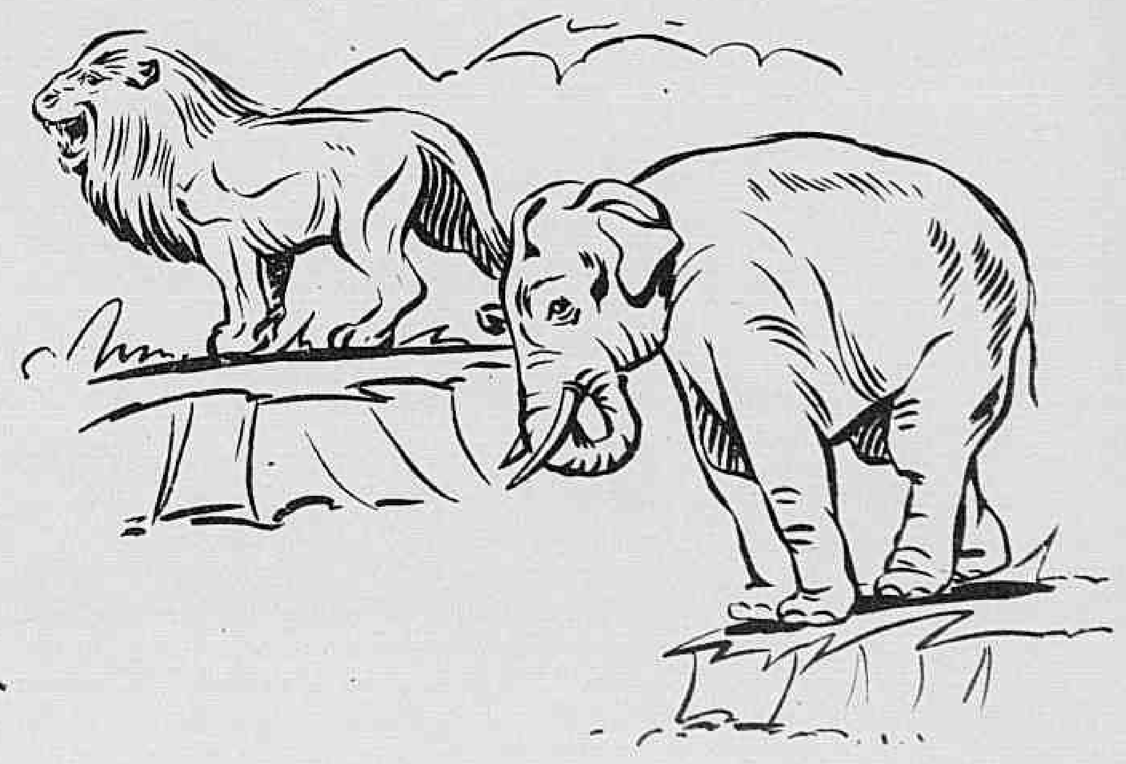
SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «Mogambo» 3
A nossa capa 4
A novela das imagens: «Rimski-Korsakov» 18
Segredos da tela 24
Curiosidades e «close-ups» 25
«Ballet» 26
Cartazes em revista 28
De todo o Mundo 30
Teatro 31
Rádio-Disco-Novidades 32
Página dos leitores 33

As selvas da África e as paixões seusuais têm sido combinadas muitas vêzes. São dois perigos, de índoles diversas, que têm os seus pontos de contacto. Quando se teve conhecimento do nome de John Ford para dirigir êste filme as perspectivas foram boas. Entretanto, as imagens mostram, apenas, um filme comercial. A história é um tanto sofisticada. Isto de uma linda «show-girl» (e logo Ava Gardner!) perdida naqueles rincões e com uma série de complexos amorosos, do passado e do presente, já não convence mais. Depois, embora o objetivo da expedição seja algo diferente das usuais fórmulas — desta feita vão em busca de gigantescos gorilas! — tudo segue as trilhas usuais. Há muita coisa encaixada sem motivo e de inconvincente maneira. Pequeno exemplo pode ser citado quando os expedicionários chegam à aldeia em que enfermara o chefe do pôsto estabelecido pelos civilizados. Não seria acreditável todo aquêle ambiente de ameaças aos brancos e, após tanto aparato deixá-los partir. Ao lado do inverossímil há uma série de recursos em volta de animais — aquela onça, tão mansa, que atravessa, sem conseqüências a cabana de Ava, chega a ser divertida! — de gritos noturnos, de danças selvagens (curiosas, sem dúvida), em que o «arranjo» de inclusão é notório.

A parte psicológica tampouco foi suficientemente explorada. A princípio os dilemas vão sendo aceitos, sem maiores obstáculos. Quando as ações avançam para o «climax», nota-se falta de profundidade. E a prova de falta de confiança do próprio John Ford, em tôrno da história que dirigia, está no fato de levar os momentos culminantes, que deveriam ser dramáticos, na brincadeira. Aliás, o aspecto mais aceitável do filme está no tratamento irônico que Ford impôs aos diálogos ferinos de muitas situações, mantendo assim, algum interêsse. A película poderia ser, talvez, mais interessante se não fôra a presença de Clark Gable. Demasiadamente solicitado — é a figura central — portou-se como um perfeito canastrão. Já teve o seu tempo e o seu gênero, como cínico. Agora, de há muito se devia ter aposentado. Prejudicou muito êste filme. Ava Gardner surpreende, deixando de ser apenas a mulher para interpretar bem o papel. Outra louvável conduta é a de Grace Kelly, a melhor figura do elenco, esplêndida na parte da espôsa que se apaixona pelo guia. Donald Sinden vive aceitàvelmente a parte do marido que vai sendo enganado. Tipos adequados completam o elenco: Eric Pohlmann, Laurence Naismith, Denis O'Dea, etc. Bom o serviço de trucagem e de insertação de trechos naturais. Houve locação na África (Congo Belga, o local da filmagem) e a fotografia de Robert Surtees aproveitou bem a oportunidade para o «tecnicolor». Título original: :Mogambo», Metro.

JONALD





A NOSSA CAPA:

ALAN LADD JÁ FOI SERVENTE de ESTÚDIO

DE ALICE GONZAGA PARA "A CENA"

Alan barbado, conforme apareceu em «A nau dos condenados» e ao natural.



Todos conhecem a figura de Ademar Gonzaga, um dos legítimos pioneiros do cinema brasileiro, com uma imensa fôlha de serviços prestados e possuidor de um dos melhores arquivos de cinema do mundo. Entretanto, ainda não é conhecida a figura da sua filha, Alice Gonzaga, que "A CENA" tem o prazer e a honra de lançar hoje, pela primeira vez, na imprensa do país, com a presente crônica sôbre Alan Ladd na qual demonstra a sua personalidade e amor ao cinema, seguindo assim, a tradição da família.

Nasceu em Hot Springs, Arkansas, em 3 de setembro de 1913. Foi campeão de natação aos 17 anos e de box na categoria dos amadores. Apareceu em várias representações do teatro North High School, tais como "Mikado", "Come out of the kitchen", "Double Crossed", "Firefly" etc., salientando-se na primeira.

Não foi escolhido pela Universal quando esta fêz uma seleção de pequenos artistas nos colégios! E ficou muito triste. Assim, foi vender refrigeradores nos momentos de folga em que trabalhava em um jornal. Foi dono de um café até ir conhecer a Warner. Como artista? Não! como "grip" (camarada forte e atleta, cujo ofício é carregar de um lado para outro os refletores, apagar e acender as luzes, dirigir os focos, obedecendo sempre ao iluminador chefe). Contudo, já era uma grande coisa. Estava num estúdio e podia aparecer uma oportunidade. Porém, esta não veio e êle, então, foi fazer programas de rádio, "shows" e filmes comerciais. A voz tornou-se excelente, aprimorando-se dia a dia. Num programa fêz imitações tão boas que Sue Carrol se impressionou por êle. Ela era agente de artistas, "estrêla" de rádio e havia figurado nos primeiros filmes musicados da Fox. Quem se lembra, no "Fox Follies" de 1930, de Sue cantando "Let us do the Breakway" com David Rollins? E ainda tem mais. Sabem que, certa vez esta artista convidou uma grande "estrêla" do Cinema brasileiro e insistiu para que essa trabalhasse num filme e a "estrêla" recusou? Respondeu, apenas, que estava a passeio em Hollywood..

Sue Carrol colocou Alan na Paramount e depois contraiu matrimônio com êle. Uma coisa puxou outra. Hoje ainda são felicíssimos. Seus filhos são Alana, na intimidade Lonnie e David. Laddie e Carol Lee são de casamentos anteriores.

Passam os fins de semana e os intervalos de filmes no magnífico rancho de San Fernando Valley, que Alan adora. Lá pode criar os cavalos de raça, as galinhas "leghorns" e cuidar da horta. E gosta tanto de cavalos que quando estêve na França, Londres — onde aumentou a popularidade — só visitou haras. Possui um "cadillac", uma lancha e é louco por um trator.

Durante os anos de 1952 e 53 estrelou várias fitas. Citam-se: "Uma Aventura na Índia", "A nau dos condenados", uma interessante história que narra as peripécias dos amotinados do navio Bounty, que ficaram numa ilha da Oceania. Neste filme Alan usa cabelos crescidos, assim como as barbas. E conta Gilberto Souto que numa festa, de pouca gente e muita bebida, oferecida no Hotel Beverly Hills ao Marajá Gawlior, lá estava êle com o seu cabelo sem ver tesoura há muito tempo. Sorrindo respondia a todos: "Faz parte do meu filme"! Figurou bem em "Nenhuma mulher vale tanto", com a bela Virginia Mayo, primeira pe-

(Cont. na pág. 34)

Em seu melhor trabalho no cinema: «Os brutos também amam».



QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

O JÁ VITORIOSO CONCURSO DE "A CENA" REPRESENTA UMA CONSEQÜÊNCIA DA "COTAÇÃO DOS LEITORES" (SUGESTÕES) E DO RETROSPECTO: "OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS"

UM dos primeiros resultados da "enquête" de "As cotações dos leitores de A CENA" foi o atual concurso. Existem muitas outras sugestões, também solicitadas por grande número de leitores, que certamente vão ser também atendidas. Porém, o caso das "reprises", por solicitação popular, e o dos novos inventos do cinema reuniram tão vultoso número de pedidos que, mesmo antes do prazo para o término das entregas dos "coupons" das Cotações, passaram a ser postas em prática. Assim, além desta página, em quatro outras (de 10 a 13), os interessados encontrarão o início dos curiosíssimos esclarecimentos sôbre as inovações tão em voga no cinema.

Além de A CENA continuar a receber cada vez mais, de todos os pontos do país, os votos da "enquête" das "Cotações", de pronto, com intenso entusiasmo, chegaram diversas outras, para o sensacional concurso das re-apresentações. E não são apenas os que, há anos atrás, participaram de vitorioso plesbicito semelhante (no extinto jornal "A Manhã"), no qual, dos 20 primeiros colocados, 18 filmes despertaram os interêsses das agências, a fim de repeti-los para os espectadores de todo o Brasil.

Correspondendo ao interêsse demonstrado vamos publicar as primeiras opiniões que nos chegam, tôdas elas refletindo pontos de vista diferentes, é certo, contudo unânimemente dominadas por sadio entusiasmo em tôrno da arte do cinema.

Hilda Bandeira de Melo (Rio) — Para as "reprises": "Les Enfants du Paradis"; "Senhoritas de Uniforme"; "Um carnet de baile"; "O delator" e "Madame Waleska". Melhor filme a que assistiu: "Les Enfants du Paradis".

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1. ....
2. ....
3. ....
4. ....
5. ....

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

FACULTATIVO:

NOME (ou pseudônimo)..................

ENDERÊÇO..............................

CIDADE E ESTADO.......................



As primeiras solicitações: Acima: «Les enfants du Paradis» (Boulevard do crime) e abaixo «M», o Vampiro de Dusseldorf»



Cláudio Brandão dos Santos (Rio) — "Reprises": "Cidadão Kane"; "Soberba"; "Mascarada"; "Felicidade proibida" e "Ídolo, amante e herói". Melhor filme a que assistiu: "Cidadão Kane".

Sílvio Magalhães (Niterói) — "Reprises": "M, o Vampiro de Dusseldorf"; "A mão do diabo"; "Cais das sombras"; "Trágico amanhecer" e "Les Enfants du Paradis". Melhor filme: "Brinquedo proibido".

Sandra Paes Leme (S. Paulo) — "Adúltera"; "Farrapo humano"; "Nossa cidade"; "Monsieur Verdoux"; "Monsieur Vincent". Melhor filme: "Adúltera".

No número anterior, publicamos uma regulamentação que, felizmente, está sendo seguida. Embora dentro de alguns números voltemos a publicá-la, convém lembrar que os leitores deverão se abster de indicar filmes que tenham sido refilmados. Por exemplo, seria inútil pedir a antiga versão de 'Escravos do desejo" (de Bette Davis), do "Amor que não morreu"

(Cont. na pág. 34)

«Romeu e Julieta», de George Cuckor, Metro, com Leslie Howard e Norma Shearer.

«Horizonte perdido», de Frank Cappra, Columbia, com Ronald Colman e Jane Wyatt.

«A noite tudo encobre», de Richard Thorpe, Metro, com Robert Montgomery, Rosalind Russell e Dame May Whith.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

de JONALD, exclusivo para "A CENA"

1937

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

"AMOK" (França), Fedor Ozep, no seu máximo trabalho no cinema. Audaciosa esta transposição do livro de Stefan Zweig e um dos filmes mais emocionantes da época. Marcelle Chantall, Jean Yonnel e Inkijinoff foram inesquecíveis; "O TESTAMENTO DO DR. MABUSE" (Alemanha), de Fritz Lang, em outro impressionante filme, Rodolph Klein Rogge (na parte de um louco), Thommy Bourdelle, Karl Maixner e outros, tipos característicos de valor; "MAYERLING" (França), superiormente dirigido por Anatole Litwak, revelou belas atuações de Danielle Darrieux e Charles Boyer. A refilmagem, nos Estados Unidos, foi inferior; "INFÂMIA" (United), um grande filme de Walliam Wyler, com Merle Oberon, Bonita Granville (que "roubou" o filme), Miriam Hopkins e Joel Mac Crea; "UM GARÔTO DE QUALIDADE" (United) de John Cromwell, na admirável refilmagem de um sucesso de Mary Pickford no cinema silencioso. Fred Bartholomew (no pequeno Lord Flanteroy), Dolores Costello, C. Aubrey Smith; "DESEJO" (Paramount), de Ernest Lubitsch e Frank Borzage, orientando uma sutilíssima comédia. Gary Cooper e Marlene Dietrich brilharam; "CRIME E CASTIGO" (Columbia). A versão americana da obra de Dostoewsky, excelentemente conduzida por Von Sternberg, proporcionou um desempenho de Peter Lorre, ao lado de Mariani March e Edward Arnold; "O GRANDE MOTIM" (Metro), de Frank Lloyd. Como obra de reconstituição teve os seus méritos. Grande oportunidade para Charles Laughton, ao lado de Clark Gable e Franchot Tone; "O DESCONHECIDO" (Inglaterra), um estranho e belo filme de Bertholdo Viertel, com o extraordinário Conrad Veidt e Renée Ray; "MIGUEL STROGOFF" (Alemanha), de Richard Eichberg, a melhor das diversas versões do livro de Jules Verne, com Adolph Wohlbruck e Hilda Hildebrandt; "DUAS ALMAS SE ENCONTRAM" (United), de Howard

«A dama das camélias», de George Cuckor, Metro, com Greta Garbo e Robert Taylor.

«A terra dos Deuses», o melhor filme exibido no Rio em 1937, de Sidney Franklin, Metro, com grendes desempenhos de Louise Rainer e Paul Muni.



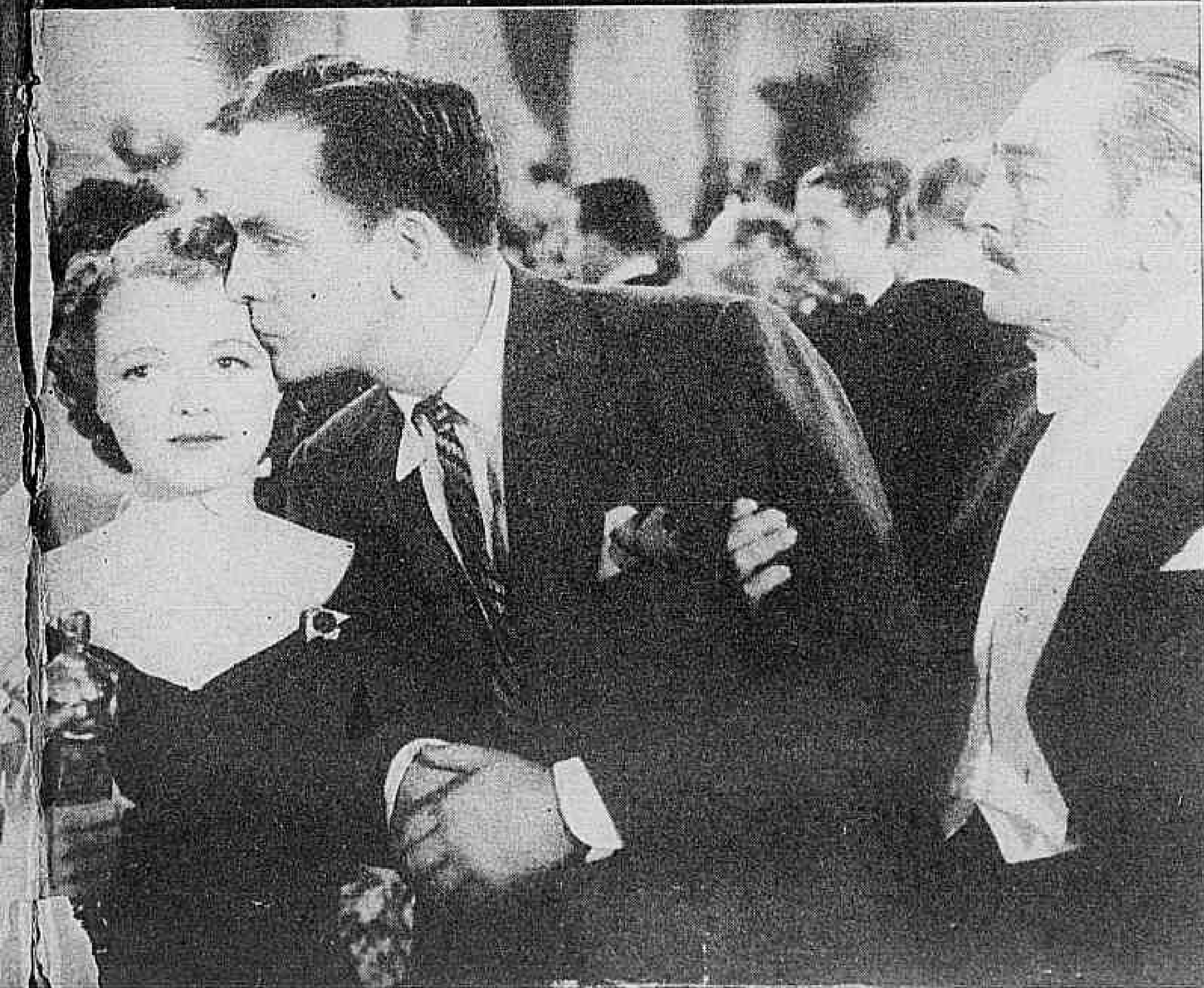
Hawks, uma das mais reais atmosferas que se descreveram sôbre a antiga São Francisco, Edward G. Robinson, Mirian Hopkins e Joel Mac Crea; "OS TEMPOS MODERNOS" (United). Embora sem ter a mesma classe dos seus maiores filmes, sempre foi um valioso filme de Charles Chaplin; "TRIPULANTES DO CÉU" (França), de Anatole Litwak, muito bom filme, com Charles Vannel e Annabella. O tema havia servido para um filme silencioso, de Maurice Tourneur; "ADVERSIDADE" (Warner), de Mervin Le Roy, em boa direção e Fredric March, Olivia de Havilland e Anita Louise; "MAGNOLIA" (Universal), de James Whalle, que conseguiu surpreender com o lirismo imposto ao excelente filme musical. Irenne Dunne, Paul Robson e outros. A Metro refilmou o tema ("O barco das ilusões") e o confronto é muito favorável ao filme de 1936!; "CONTUDO ÉS MEU" (Inglaterra), de Paul Czinner, com a genial Elizabeth Bergner em um dos seus inolvidáveis desempenhos; "VÉSPERA DE COMBATE" (França), de Marcel L'Herbier, com Pierre Renoir e Victor Francen; "UMA NOITE NA ÓPERA" (Metro), a melhor das comédias dos irmãos Marx, dirigida por Sam Wood; "ACONTECEU NUMA TARDE CHUVOSA" (United), de Rowland Lee, com Francis Lederer e Ida Lupino, notáveis; "CIÚMES" (Metro), de Clarence Brown, com Mirna Loy e Clark Gable; "AGENTE SECRETO" (Inglaterra), de Alfred Hitchcok, com Robert Young e Madeleine Carroll; "GARÔTA DO INTERIOR" (Metro), de William Wellmann, com Janet Gaynor e Robert Taylor. O assunto foi refilmado e há pouco exibido etnre nós, com o título de "Senhorita Inocência" (Farley Granger e June Powell); "AMOR SEM FIM" (Paramount). Tema de fundo espírita, de grande beleza, que também havia sido filmado no cinema silencioso (Peter Ibbetson), por George Fitzmaurice. Nesta versão, Henry Hathway conseguiu um lindo filme, com Gary Cooper e Ann Harding; "DAQUI A 100 ANOS" (Inglaterra), muito curioso espetáculo do grande William Cameron Menzies, com Raymond Massey e Sir Cedric Hardwick; "ZIEGFELD, O CRIADOR DE ESTRÊLAS" (Metro), no gênero feérico-musical teve o seu inegável valor. De Robert Z. Leonard, com William Powell, Mirna Loy e Louise Rainer; "CAPITÃO BLOOD" (Warner), de Michael Curtiz, bom exemplo de filme de padrão legendário, com Errol Flynn, Basil Rathbone e Olivia de Havilland; "ANA KARENINA" (Metro), de Clarence Brown, a insigne Greta Garbo, Fredric March e Basil Rathbone.

O ano de 1937 marcou uma nova percentagem a maís, no avanço do cinema europeu. O número de filmes dessa procedência, que entravam no país, embora em número relativamente pequeno, demonstravam alta qualidade. Na

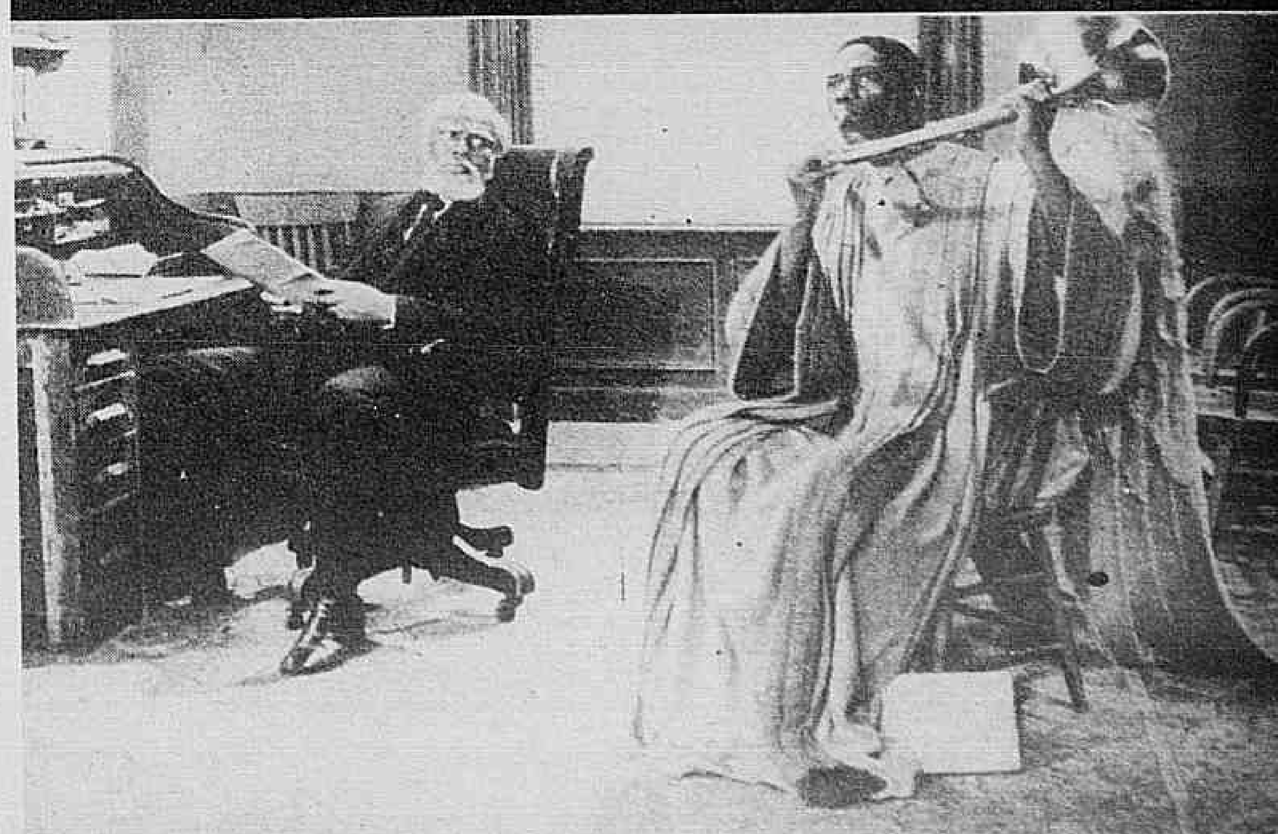


«Um grande amor de Beethoven» (França), de Abel Gance, com o genial Harry Baur e Jenny Holt.

«Nasce uma estrêla», (United), o extraordinário filme de William Wellmann, com Janet Gaynor, Fredric March e Adolph Menjou.

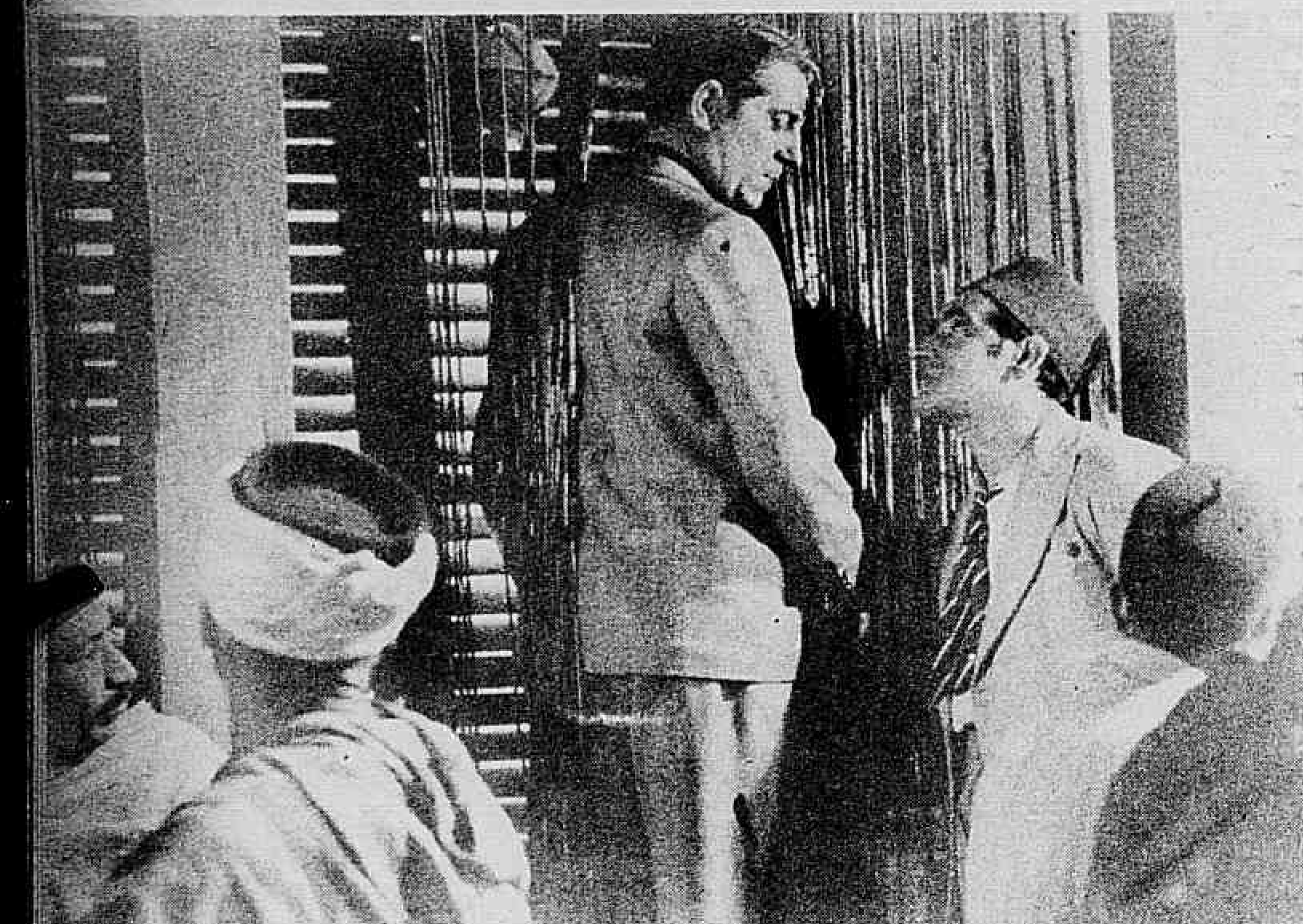


«Uma cabana no céu», de William Keighley, Metro, com Rex Ingram.





«Madame Waleska», de George Cuckor, (Metro), com a imortal Greta Garbo e Charles Boyer.



«O demônio da Alegria», de Julien Duvivier, França, com Jean Gabin, um grande filme.

«A Vida de Emile Zola», de William Dieterle, Warner, com Paul Muni, um dos grandes filmes de 1938.



lista dos 60 melhores do ano, 36 eram americanos e 24 europeus, assim distribuídos: 11 para a Grã-Bretanha, 6 para a França, 5 para a Alemanha e 1 para a Itália.

Sem dúvida alguma, em matéria de altos merecimentos artísticos, o ano de 1937, relativamente às produções exibidas no país, pode ser considerado o mais importante, desde o início do cinema falado. Sem desmerecer o impressionante nível dos vários anos desta fase elevada para o cinema artístico, notadamente nos Estados Unidos, o número de grandes filmes, após a seleção dos 10 maiores do ano, supera o de qualquer outro conforme, mais adiante, poderá ser comprovado.

1.º — "A TERRA DOS DEUSES" ("The Good Earth", Metro) . O conteúdo, de muita beleza, é um trágico poema de amor à terra. O profundo livro de Pearl S. Buck foi desdobrado, através de excepcional direção de Sidney Franklin, no maior filme da carreira. O simbolismo da mensagem culmina no epílogo quando o chinês, excelentemente interpretado por Paul Muni, compreende o significado da vida que se findara, de Olan, a espôsa, um magistral desempenho de Louise Rainer.

2.º — "KERMESSE HERÓICA" ("La Kermesse Heroique", França) . A forma da linguagem cinematográfica obtida por Jacques Feyder foi também excepcional. Superado pelo filme anterior apenas devido ao conteúdo, pois a malícia fina não poderia sofrer um confronto com a estrutura interior de "A boa terra". Françoise Rosay e Jean Murat destacaram-se do elenco.

3.º — "HORIZONTE PERDIDO" ("The Lost Horizont", Colúmbia) : Embora a fantasia do tema, foi um belo estudo psicológico de uma coletividade de almas que encontraram uma nova civilização. Frank Cappra dirigiu com profundidade, não esquecendo o lirismo. Ronald Colman, Jane Wyatt e a notável Margo impressionaram.

4.º — "REMBRANDT" ("Rembrandt", Inglaterra) . Um grande filme que passou despercebido. A biografia do célebre pintor foi narrada com raro senso artístico por Alexander Korda. Afinal, naquela época o público tinha menor ânsia de cultura. Porém, dezesseis anos depois, a evocação de outro vulto de pintura, Toulouse Lautrec (filme "Moulin Rouge") consegue êxito de bilheteria! Charles Laughton teve neste filme o momento culminante da sua carreira, o mesmo sucedendo com Elsa Lanchester, sua espôsa na vida real e nesta película que bem merecia uma "reprise".

«Desejo», uma das obras-primas de Lubitsch, na Paramount, com Marlene Dietrich, Melvin Douglas e Herbert Marshall.





O maior filme apresentado no Rio, em 1938: o excepcional «Carnet de baile», de Duvivier, com Marie Dea, Harry Baur, Louis Jouvet. A cena acima é a do «climax», de inesquecível romance e beleza.

5.º — "LÍRIO PARTIDO" ("Broken Blossons", Inglaterra). Outro extraordinário filme que também passou como se fôra um "bólide". A refilmagem da obra-prima de David W. Griffith, no cinema silencioso, guardada a diferença de época, teve o mesmo valor como cinema. Emily Williams e Dolly Hass também entusiasmaram nos papéis vividos por Lillian Gish e Richard Barthelmess.

6.º — "NASCE UMA ESTRÊLA" ("A Star Is Born", United). Filme forte, um auto-retrato de certas figuras que realmente existiram e ainda perduram em Hollywood. Contudo, a idéia principal foi lembrar a lição de carreira de John Gilbert, que se perdeu pelo excesso alcoólico. Naturalmente, vivido com outro nome, Fredric March obteve um dos seus grandes triunfos nesta película excepcionalmente dirigida pelo cineaśta William Wellman.

7.º — "ROMEU E JULIETA" ("Romeo and Juliet", Metro). Outro filme que, através do cinema falado, pode ser considerado como um marco para a série que, anos mais tarde, surgiria em tôrno de Shakespeare. Teatro filmado, é certo, mas em meio da plenitude do texto, conservando os diálogos originais, e de envolvente poesia. George Cuckor estêve perfeito na direção e Leslie Howard extraordinário. Norma Shearer agradou bastante na parte de Julieta e John Barrymore na de Mercúrio.

8.º — "FLORESTA PETRIFICADA" (The Petrified Forrest, Warners). O respeito ao texto de grandes obras de teatro já tinha o seu lugar naquele ano, embora, com mais incompreensão ainda do que na época atual. Mesmo sem a verdadeira linguagem do cinema, pode haver muita beleza nessas diferentes expressões de arte. Archie Mayo manteve tôda a fôrça psicológica da peça e Bette Davis, Leslie Howard, Humprey Boggart e outros foram outros artífices dêste profundo tema. A refilmagem, entretanto, pela mesma Warners, modificando por demais a estrutura foi um dêsses lamentáveis desastres.

9.º — "FOGO DE OUTONO" (Dodsworth, United). William Wyler, que já era um grande conhecedor da alma, cercou o filme de tôda aquela finura e sub-entendimento simples que têm sido o segrêdo dos seus êxitos. Walter Houston, Mary Astor e Ruth Chatterton, três grandes atores.

10.º — "UM GRANDE AMOR DE BEETHOVEN" (França), de Abel Gance. A tragédia da vida de um gênio da música, através do desempenho de um dos três maiores atores do mundo, em qualquer época: Harry Baur. Notável o conjunto, que apresentava também Annie Ducaux e Jenny Holt.

Ainda em grande categoria de cinema segue-se uma extraordinária lista que ainda possuia maior categoria do que as reveladas em anteriores anos. Foi, em realidade, essa época, um "climax" do cinema artístico.

"A CRUZ DOS ANOS" (de Leo Mac Carey, Paramount). Filme humano como poucos, com desempenhos dos mais admiráveis, de Victor Moore e Beullah Bondi; "CONDOTTIÈRE" (de Luis Trenker, Itália). O sentido espetacular do antigo passado do cinema italiano, que se aliava a concepções de valor. Bons desempenhos de Luis Trenker e Laura Nucci; "OS HOMENS NÃO SÃO DEUSES", (de Walter Reich, Inglaterra). Para os que tiveram a sorte de assisti-lo foi algo de absolutamente inesquecível. Magistral, o desempenho de Miriam Hopkins; "A DAMA DAS CAMÉLIAS" (de George Cuckor, Metro), a transposição do legendário romance proporcionou um belo filme e dos mais impressionantes desempenhos de Greta Garbo. Ao seu lado, Robert Taylor estêve apenas razoável;

(Continua na pág. 31)



Shirley Tegge, da United, «estrêla» do 1º filme que foi exibido nos Estados Unidos com a «3-D», em uma curiosa fantasia fotográfica sôbre a terceira dimensão.

A CENA tem a satisfação de apresentar aos seus leitores mais um artigo de absoluta exclusividade e de excepcional interêsse e, ao mesmo tempo, embora o nome do autor dispense maiores referências, pois Cláudio Fornári conquistou um pôsto de honra no teatro nacional, esclarece que o mesmo regressou, há pouco, de longa viagem ao estrangeiro. Tendo presenciado e estudado minuciosamente tôdas as modernas transformações do cinema foi especialmente convidado para escrever para esta revista um trabalho, dividido em duas etapas. O primeiro, que hoje publicamos, trata da "3-D" sem óculos (conforme é apresentada na Rússia), bem como a "Natural vision". O curiosíssimo trabalho finalizará no próximo número com o "Cinerama" e o "Cinemascope".

PROCESSO IVANOV — "CONCÊRTO EM RELÊVO"

O processo Ivanov foi inventado na Rússia Soviética há cêrca de 15 anos por um jovem engenheiro — Simon Ivanov (ou Ivanoff) — recém-formado pela Escola Politécnica de Moscou, onde se distinguiu por uma tese que escreveu a respeito dos "efeitos da luz sôbre as esculturas". Inspirado nas telas estereoscópicas e nos estudos de Noaillon, Bertier e Estenave, Ivanov concebeu e fêz construir uma enorme tela de 18 t de pêso, de fios de cobre muito finos estendidos formada por um chassis de ferro contendo uma complicadíssima teia em profundidade de tal maneira que, vista de frente, a tela dá a impressão de ser uma grande superfície plana com milhares de pequeninos grãos (de 7 a 8 microns de diâmetro) distribuídos simètricamente.

Nesta tela foi projetado, em 1914, o primeiro filme estereoscópico russo, uma curta metragem musical sem enrêdo denominada "Concêrto em Relêvo", o qual obteve uma extraordinária repercussão em Moscou. Uma característica importante da feitura do filme estereoscópico pelo processo Ivanov, que explica por sua vez o fato de ser o sistema russo "estereoscópico" sem obrigar todavia o uso de óculos por parte dos espectadores, é o emprêgo de um filme especial que, com a bitola normal de 35 mm, tem no sentido lateral da cinta duas imagens, dois fotogramas da mesma cena (com um ligeira diferença de angulação), colocados lado a lado, entre os quais se localiza a perfuração. As duas imagens correspondem a visão bi-ocular. Neste processo são dispensados, como dissemos acima, os óculos (polarizados ou bicolores) pois a síntese das duas imagens se processo com o auxílio da própria tela.

Nós não assistimos a nenhum espetáculo cinematográfico pelo processo Ivanov, por isto passamos a palavra ao jurista brasileiro Osny Duarte, que, visitando a União Soviética, teve a oportunidade de assistir a um "show" de filmes naturais. Vejamos a sua esclarecida análise:

"Num pequeníssimo salão, que parece ter sido uma capela, pelo estilo em colunas e arcadas góticas, assentos compridos e incômodos, literalmente cheio, assisti a uma hora de filmes

A "3-D" SEM ÓCULOS NA RÚSSIA

De CLAUDIO FORNARI, exclusivo para A CENA



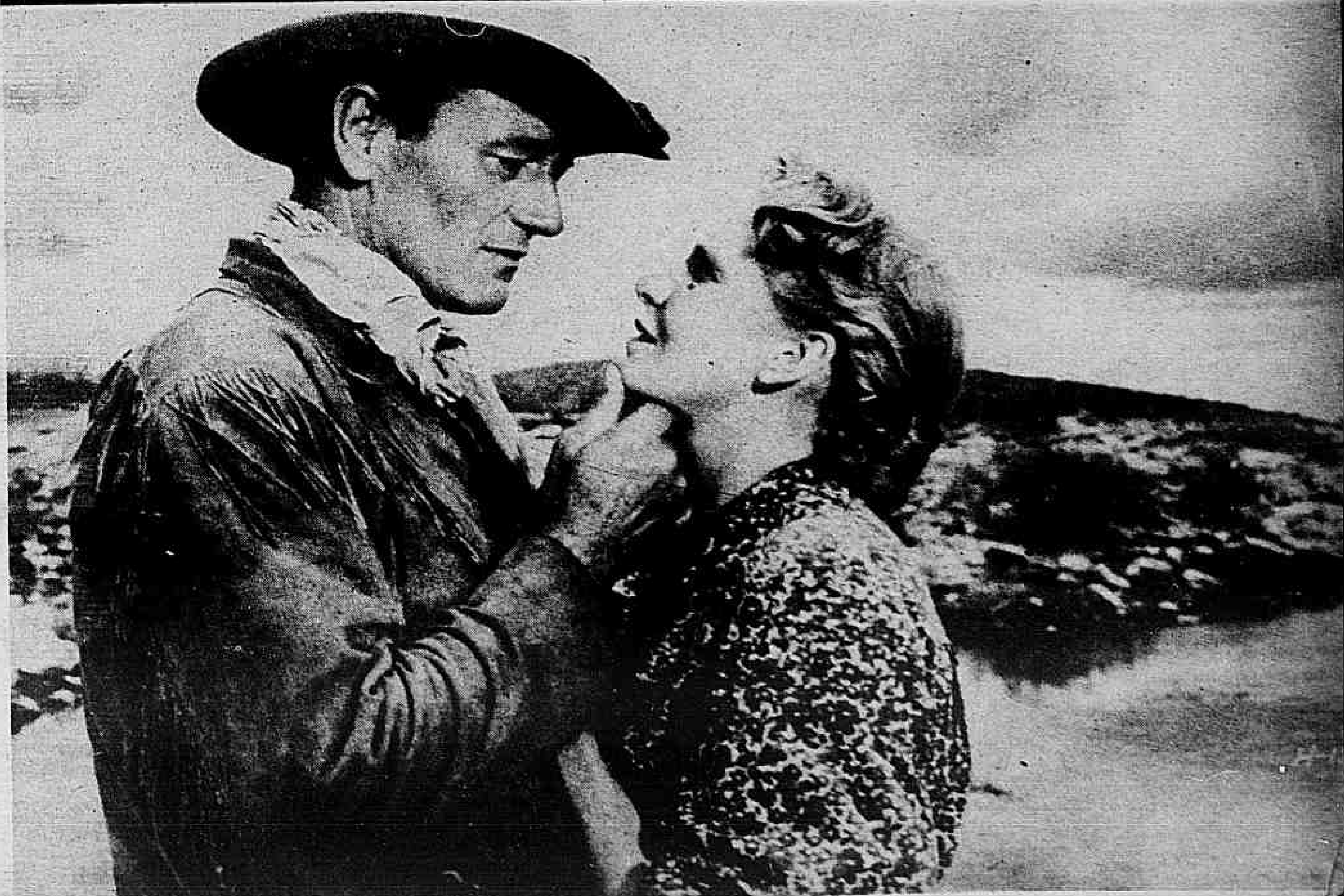
Outra sugestão em tôrno da «3-D», o filme da Universal, inédito no Rio: «Wings of the Hawk» com Van Heflin e Julia Adams.

mado o focinho de um tamanduá, de frente, a ponta parece estar colocada em cima da cabeça do espectador colocado na nossa frente. Um esguicho de água, com mangueira, dá a impressão de estar a água caindo na platéia; um animal que caminha sôbre uma vara de extremidade voltada para nós produz a ilusão óptica de que está andando por cima da assistência. Ésses são os efeitos mais curiosos. Saímos cansados e sem entusiasmo. Não é, pois, aquêle assombro de que se falava no Brasil. Ninguém tinha disposição de voltar a assistir."

O parecer acima não é o de um "expert" em assuntos cinematográficos, mas representa a opinião de um espectador inteligente, que, sem estar familiarizado com a técnica da feitura do filme, gosta de cinema, assiste-o regularmente e sabe distinguir o que é bom do que é mau na tela de um cinema. Êle representa aquela figura tôda poderosa, para a qual trabalha a indústria do cinema — Sua Majestade o Público.

Durante a guerra, Simon Ivanov parou de projetar seus filmes experimentais, não cessando, contudo, de pesquisar e de aperfeiçoar seu invento, até que, com o advento da paz (?) começa a realizar projeções periódicas no pequeno "Stereo-Kino" de Moscou. A primeira película posada de longa metragem foi "Robinson Crusoé", dirigida por Andriewsky, estreada em meados de 1946, e o primeiro filme colorido em naturais, mostrando bichos e aves, praias de Criméia, etc. Para o espectador conseguir perceber a terceira dimensão deve procurar manter a cabeça firme, no ponto em que, depois de movê-la circulando, observar que a imagem parece estar fora da tela. Se afastar um minuto que seja as figuras se tornam outra vez embaciadas e deve iniciar novo trabalho de movimento de cabeça, para encontrar a nitidez, com a qual parecem ter os objetos a terceira dimensão. Alguns do nosso grupo não conseguiram observá-la. Acredito que, em determinadas cadeiras havia maior dificuldade de achar. Mas, mesmo encontrando, pouco depois se perde, porque o esfôrço de manter a cabeça imóvel provoca dores no pescoço e o observador é obrigado a desistir, para recomeçar nova tentativa. Como se vê, as dificuldades são ainda bastante grandes. Daí a razão de existir apenas um cinema dessa espécie, com tamanho reduzido e sessões curtas. Nos momentos em que se consegue reter os olhos sôbre a posição adequada, há uma perfeita idéia da linha de profundidade. Quando é fil-

A natureza, fixada através da «3», abre um novo rumo para o cinema. Cena de «Caminhos áspero», da Warner, com John Wayne.





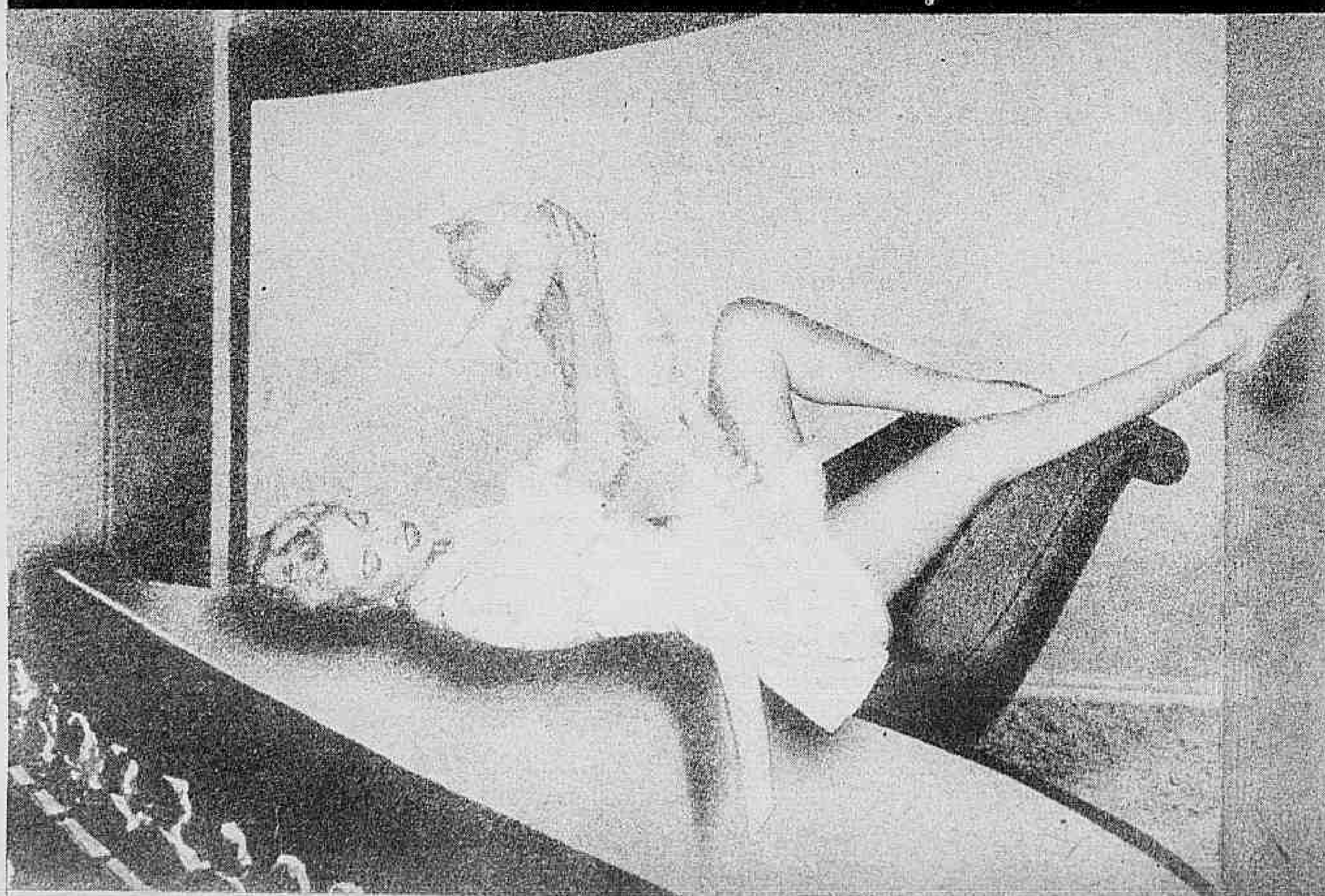
A Metro em «3-D»: «Kiss Me Kate», com Kathryn Grayson, Ann Miller e Howard Keer.

relêvo foi "A Noite de Maio", baseada em uma peça de Gogol e dirigida por Alexander Roon, lançado no primeiro semestre de 1953. No campo da "curta metragem" foram realizados numerosos documentários e "shorts", dos quais se destacam o "Automóvel 22-12" e "Parada dos Esportes".

NATURAL VISION ("3-D" com óculos)

Se a curiosidade quiser levar-nos até à fonte dos conhecimentos que possibilitaram a Milton Gunzberg e ao seu irmão Julian conceber e realizar o processo "Natural Vision", perder-nos-emos no passado, tropeçaremos em Brewster e em Ducos du Hauron, esbarraremos em Lumière, e encontrar-nos-emos, enfim, com muita gente boa que vem, desde os tempos mais remotos, dedicando-se ao estudo

«3-D» na Universal: «The Glass Web», com Kathleen Hughes e Edward G. Robinson.





Em «Bwana Devil», da United, há a história do leão que traz pânico à platéia. Naturalmente que o exagêro da investida é por conta do desenhista.

da estereoscopia por êste mundo de Deus.

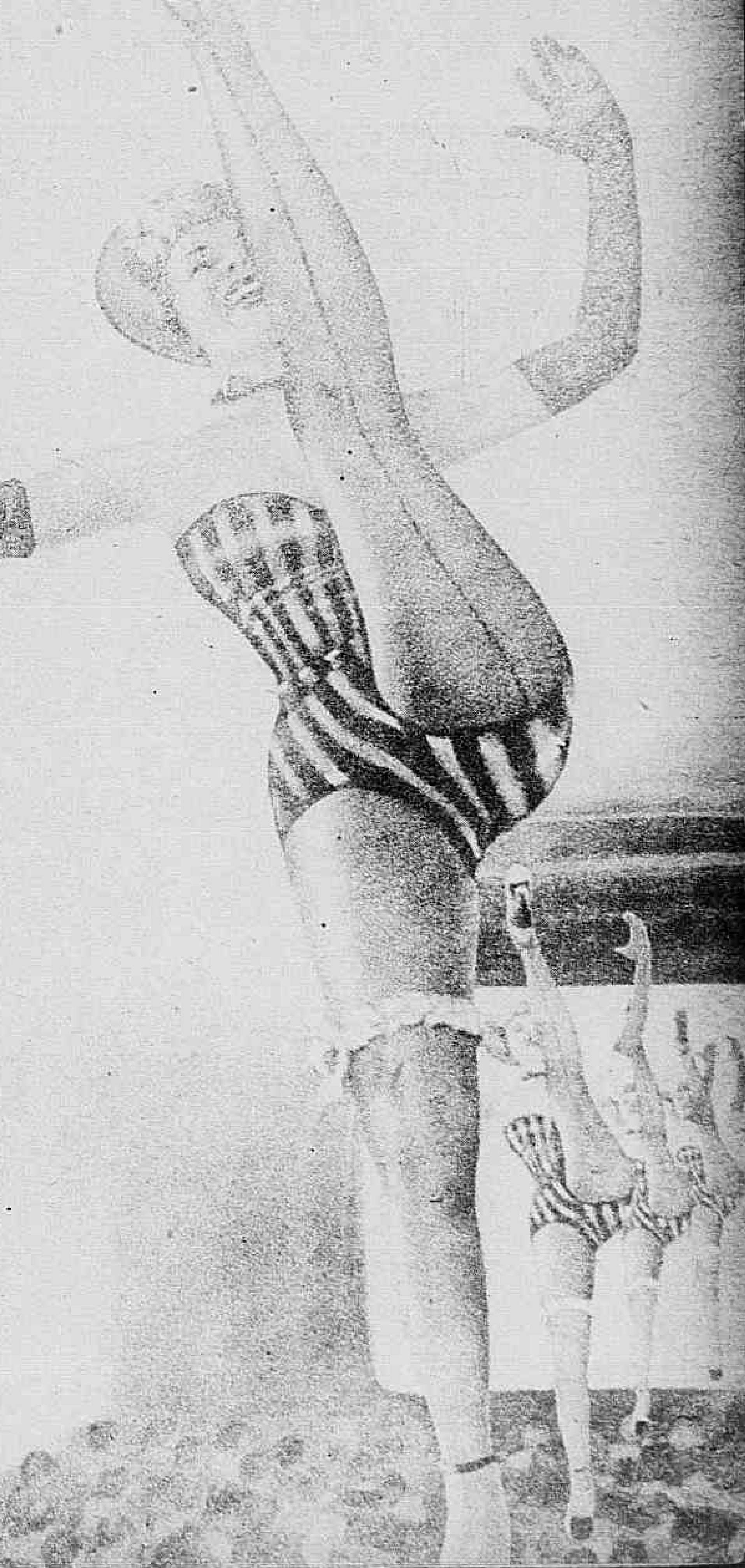
Natural Vision é estereoscopia "no luro". A única diferença entre ela e os processos e experimentos anteriores é que nela luz polarizada e óculos polaróides substituíram a projeção e os óculos bicolores.

Explicamos: Nos "anagliphes", por exemplo, temos uma dupla projeção em côres diferentes, as quais realizam sua síntese no cérebro do espectador depois que êle as percebe, através os vidros bicoloridos seletores de um par de óculos especiais. Pois bem, no processo de Gunzberg temos também duas projeções (do mesmo assunto, porém em ângulos ligeiramente diferentes), filtradas ambas por lentes polarizadas que mudam o plano de vibração da luz, de modo que a primeira apresenta vibrações em um sentido (vertical, por exemplo) e a segunda em outro (digamos horizontal). Sem o auxílio dos óculos polaróides próprios, vemos na tela duas imagens fracas entrelaçadas confusamente; colocando-se os visores, cujas lentes são polarizadas diferentemente (vibrações desiguais em sentido inverso), comportando-se de maneira semelhante aos filtros dos projetores e selecionando, cada uma, apenas uma das imagens projetadas, tem-se em grande estilo o efeito estereoscópico.

As lentes da câmara de filmagem são separadas uma da outra cêrca de 10 cm. A intenção dos inventores era de imitar a separação interocular do ser humano. Não demorou muito para que surgisse um crítico de New York) para observar divertido que "a separação média entre os dois olhos de um adulto é de 6,5 cm; distância interocular de 10 cm... só nos gorilas. De modo que tôdas as fitas em 3D a que temos assistido foram feitas especialmente para uma assistência de símios". A projeção é feita com dois projetores e a tela tem que ser metalizada ou pintada com uma tinta especial, a fim de não dispersar a luz polarizada da projeção.

O primeiro filme feito pelo processo Natural Vision foi "Bwana Devil", longa metragem de aventuras em Ansco Color, escrita, produzida e dirigida pelo veterano Arch Oboler para a United Artists. "Bwana Devil", que conta a história de um leão que acompanha uma turma de engenheiros e operários ocupados em estender uma linha-férrea através determinada região africana, procura explorar ao máximo os recursos tridimensionais que o processo permite.

"Bwana Devil" proporcionou aos seus produtores uma fabulosa renda por ocasião da sua estréia em New York, no último trimestre de 1952.





Evangelina Elizondo, jovem «descoberta» do cinema asteca, recebe o beijo de sua filhinha.

NO MÉXICO

De ROVLAND, exclusivo para «A CENA»

Silvia Pinal ao lado de sua filha, Silvia Banquela.

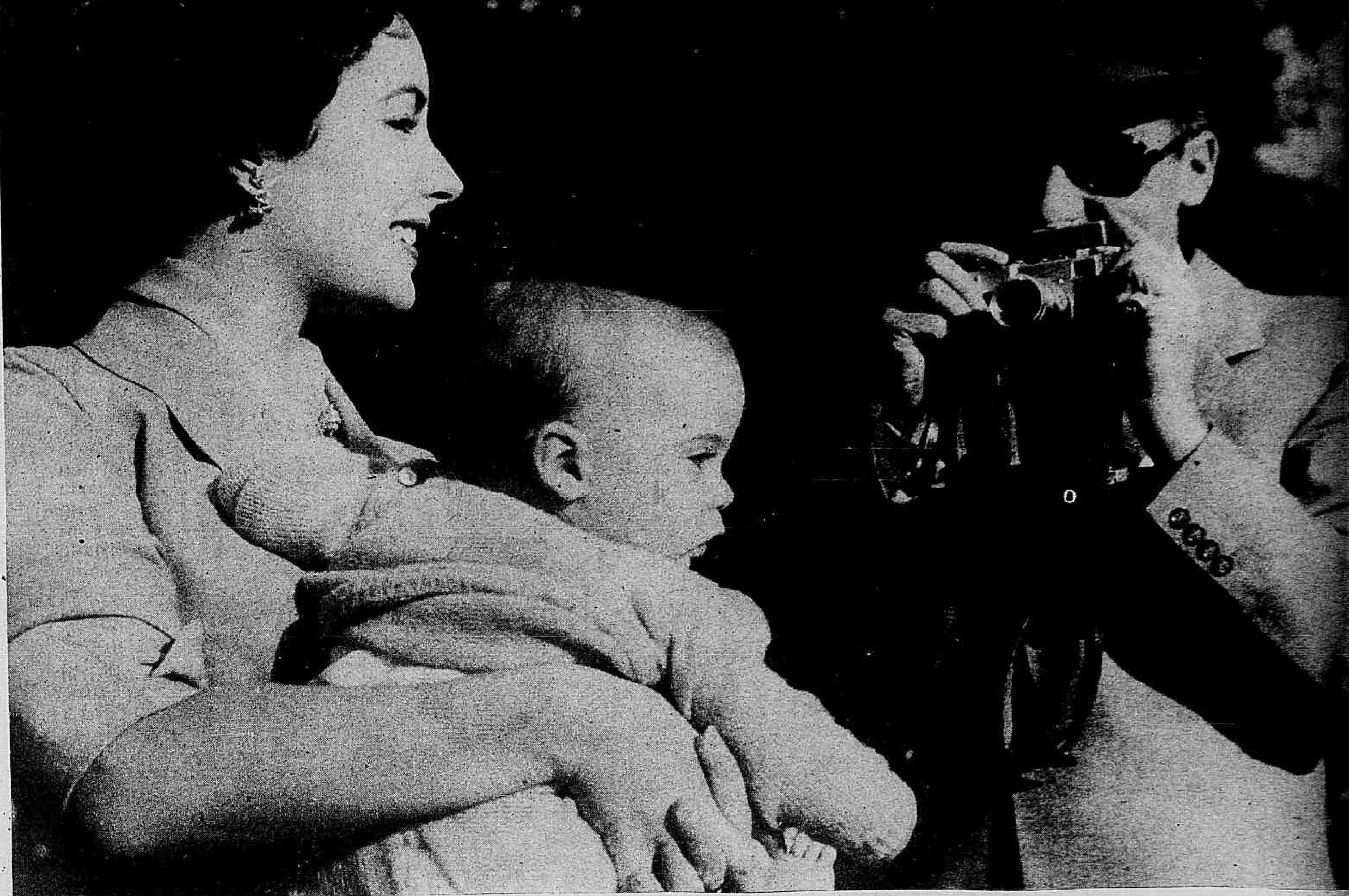




Stela Inda posa ao lado da sua mãe, tipo característico da descendência indígena do país asteca, em linda foto.

Rosita Arenas ao lado de sua mãe.





Elizabeth Taylor que, no ano passado, apesar de ser inglêsa, foi homenageada nos Estados Unidos, com a sua eleição para a «Mãe do ano», é fotografada, pelo espôso, Michael Wilding, com o descendente do casal.

O DIA DAS MÃES ENTRE AS "ESTRÊLAS"

Dentro de alguns dias comemorar-se-á o universalmente conhecido «Dia das Mães». Através de uma série de lindas fotos, esta publicação reverencia a data. Na página ao lado, um punhado de lindas jovens do cinema mexicano, sem trajes de rumbeiras, posam para «A Cena» com suas progenitoras e seus filhos. Mostram, assim, aos «fãs» que, antes de mais nada, e acima dos interêsses de suas carreiras, está o amor maternal. O que prova que as mulheres bafejadas pela fama e pela fortuna, (o estrelato), são também humanas, sensíveis e sentem as mesmas emoções que qualquer outro ser humano.

Rosita Arenas, novo valor que se incorpora ao cinema asteca, posa ao lado de sua mãe ainda bela, formando um vivo contraste entre a juventude radiante e beleza outonal. Em «A Estátua de Carne» os fãs travarão conhecimento com Silvia Pinal, que com sua filha posa com um vivo sentimento. Em seus olhares se reflete uma profunda humanidade. Evangelina Elizondo, que debuta em «Fronteira Norte», recebe um terno beijo de sua filha.

Representando bem o tipo de matrona indígena, digna filha da raça de Juarez, a mãe de Estela Inda, a intérprete de «O Manto de Soledade», (El Rebozo de Soledad), ilustra, em côres vivas, o sentimento filial e o orgulho das mães, um orgulho todo feito de pequenas renúncias, de silenciosa solidão e dum mundo de pequenas e grandes vitórias. Nas mães de todo o mundo um só sentimento habita: o imperecível amor maternal. Domina todos os credos, todos os preconceitos e dogmas. Passando para o distante Velho Mundo, buscando um casal de famosos atores britânicos, encontramos Elizabeth Taylor e seu marido Michael Wilding. Ela foi eleita, no ano passado, nesta mesma data, nos Estados Unidos, a mãe do ano. E, precisamente por ser inglêsa, o fato adquiriu ainda maior sentido de confraternização.



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE

V - HUMPHREY BOGART

L. BOLTSHALSER, exclusivo para A CENA

Na idade em que os atores começam a se aposentar, ou vão sendo passados para um plano secundário, Humphrey Bogart se impõe. Apesar das rugas, seu rosto, expressivo com tôda sua impassividade, revela ainda hoje uma energia, uma vitalidade que lhe dá direito até mesmo a papéis galantes.

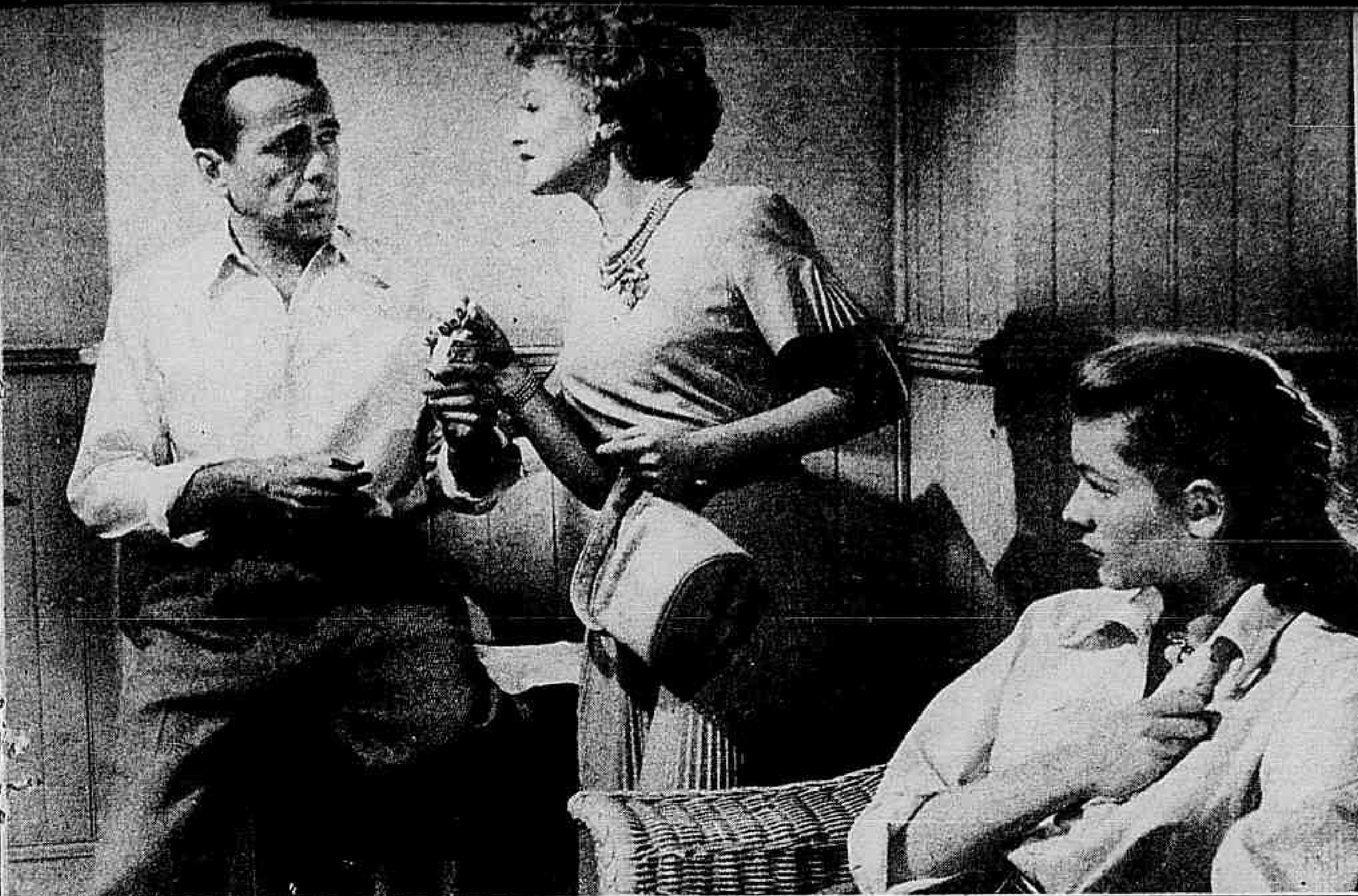
Há mais de vinte anos que Bogart vem trabalhando no cinema. Sua carreira tem tido altos e baixos e, muitas vêzes, pareceu estar prestes a estagnar e encerrar-se. Entretanto, muitos "astros" surgiram depois dêle, e já caíram no olvido. E êle não sòmente continua ativo, como também vem obtendo, principalmente nos últimos anos, sua consagração definitiva.

Nascido em New York com o nosso século, Bogart a princípio sentiu-se atraído pelo palco, onde interpretou sobretudo o tipo que o popularizaria no cinema: o "gangster". Seu rosto rude, que parece talhado em concreto, onde apenas a expressividade do olhar traz uma vida estranha, despertou a atenção dos produtores cinematográficos que o levaram para Hollywood em 1932. Seu filme de estréia foi "Devil with women".

Repetindo na tela sua criação teatral de Duke Mantee em "A floresta petrificada" (The petrified forest), Bogart conseguiu "roubar" tôdas as cenas em que aparecia. E é preciso não esquecer que nelas contracenava com

Contracenam: Humphrey Bogart e John Garfield em «A Beira do Abismo».





Humphrey Bogart, Claire Trevor e Laureen Bacall numa cena de «Paixões em Fúria».

Bette Davis e Leslie Howard. No papel de Mantee, o canalha dos canalhas, Bogart revelou, pela primeira vez, sua presença magnética na tela, estivesse simplesmente assistindo passivamente a uma briga, ou enxugando um filete de sangue a escorrer-lhe pelo canto da bôca, após algum sôco clássico.

Depois do sucesso do novo ator na película, Bogart ficou sendo, com Edward Robinson, James Cagney e Paul Muni, um dos vilões da Warner. Davam-lhe sempre os mesmos papéis, e ainda recrutavam-no muitas vêzes para substituir um dos componentes do "team" de valentões, se por um acaso algum dêles estivesse impossibilitado de trabalhar.

Quando Bogart já se esgotava em desempenhos sempre iguais, surgiu John Huston, que vem sendo a boa estrêla da carreira do ator. Até o fim da década de trinta, Bogart era apenas um perverso. Mas, em 1941, em "Último refúgio", dirigido por Raoul Walsh, com um cenário de John Huston, foi, pela primeira vez, um bandido humano, vítima, acima de tudo, do sistema social.

Veio depois um excelente papel num ótimo policial, "Relíquia macabra", primeiro trabalho de direção de John Huston, filme que projetou Bogart como principal ator da Warner e marcou, também, sua regeneração. Os "gangsters" foram abandonados. Bogart era agora o herói n. 1. Herói da marinha em "Comboio para o leste", herói da resistência em "Passagem para Marselha", herói do corpo de tanques em "Sahara". Era o destemido cidadão do mundo, sempre disposto a defender a qualquer preço a sua dama, Mary Astor, em "Garras amarelas"; Ingrid Bergman em "Casablanca"; Lauren Bacall em "Aventura na Martinica". Depois de vencer galhardamente os nazistas em "Balas contra a Gestapo", Bogart voltou, por um breve interlúdio, a ser o vilão: em "Conflitos dalma" assassinava a espôsa. Ainda que o impossível gênio desta entrasse como circunstância atenuante...

Em "Aventura na Martinica" contracenou com Lauren Bacall, por quem se apaixonou, e por causa de quem divorciou-se de Mayo Methot, que fôra sua espôsa por mais de dez anos. Mayo, recentemente falecida, foi a terceira sra. Bogart.

Com Lauren Bacall a regeneração se completou. Hoje, Bogart é, na tela, honestíssimo, e na vida real, um pacato pai de família e eterno enamorado da espôsa.

O casal formou, na tela, uma dupla de sucesso. "Prisioneiro do passado" e "À beira do abismo" foram alguns dos filmes em que figuraram juntos. Depois do nascimento de Stephen, o primogênito do casal, Lauren aparece menos no cinema, e Bogart continua fazendo justiça na tela ao lado de outras heroínas.

Quando a vulgaridade dos papéis que lhe entregavam obrigavam-no a se repetir, ressurgiu John Huston, que deu ocasião de revelar-se magistral em "O tesouro de Sierra Madre" e depois, outra boa oportunidade ao lado da espôsa em "Paixões em fúria".

Rompendo com a Warner, Bogart fundou sua própria companhia, a Santana Prod., lançando-se na produção com um ambicioso projeto de crítica social, "O crime não compensa". Os bons propósitos de Bogart-sociólogo frustraram-se, mas o filme era, em conjunto, satisfatório. A êste seguiu-se "Toyo Joe", "Sirocco", "Um preço para cada crime", "A hora da vingança".

Novamente a carreira de Bogart achava-se ameaçada. Ainda desta vez, John Huston tirou-o do marasmo, confiando-lhe o principal papel de "Uma aventura na África", que fêz de Humphrey Bogart um dos grandes da tela. E só mesmo um Bogart maduro e experiente poderia ter feito uma criação tão perfeita, sendo improvável que o "gangster" de vinte anos atrás conseguisse resultado tão brilhante. Êsse desempenho valeu-lhe o "Oscar", e vários outros prêmios, como o que anualmente distribui a revista inglêsa especializada "Picturegoer".

Bogart não escapou à tendência atual das co-produções. Na França, contracenou com Gina Lollobrigida em "Beat the devil", sob a direção de John Huston. E, presentemente, na Itália, interpreta, ao lado de Valentina Cortese, Ava Gardner e Richard Basehart, um dos principais papéis de "The barefoot countess".

Sempre na vanguarda, Bogart vem provando, com cada novo desempenho, que sua fôrça artística não se exauriu. E a julgar por seus últimos trabalhos, êsse manancial é inesgotável.

O tradicional homem mau em um de seus maiores desempenhos: «O Tesouro de Sierra Madre».



NOVELA das IMAGENS

RIMSKI KORSAKOV



As lendas populares da Rússia foram o tema predileto de Rimsky-Korsakov.

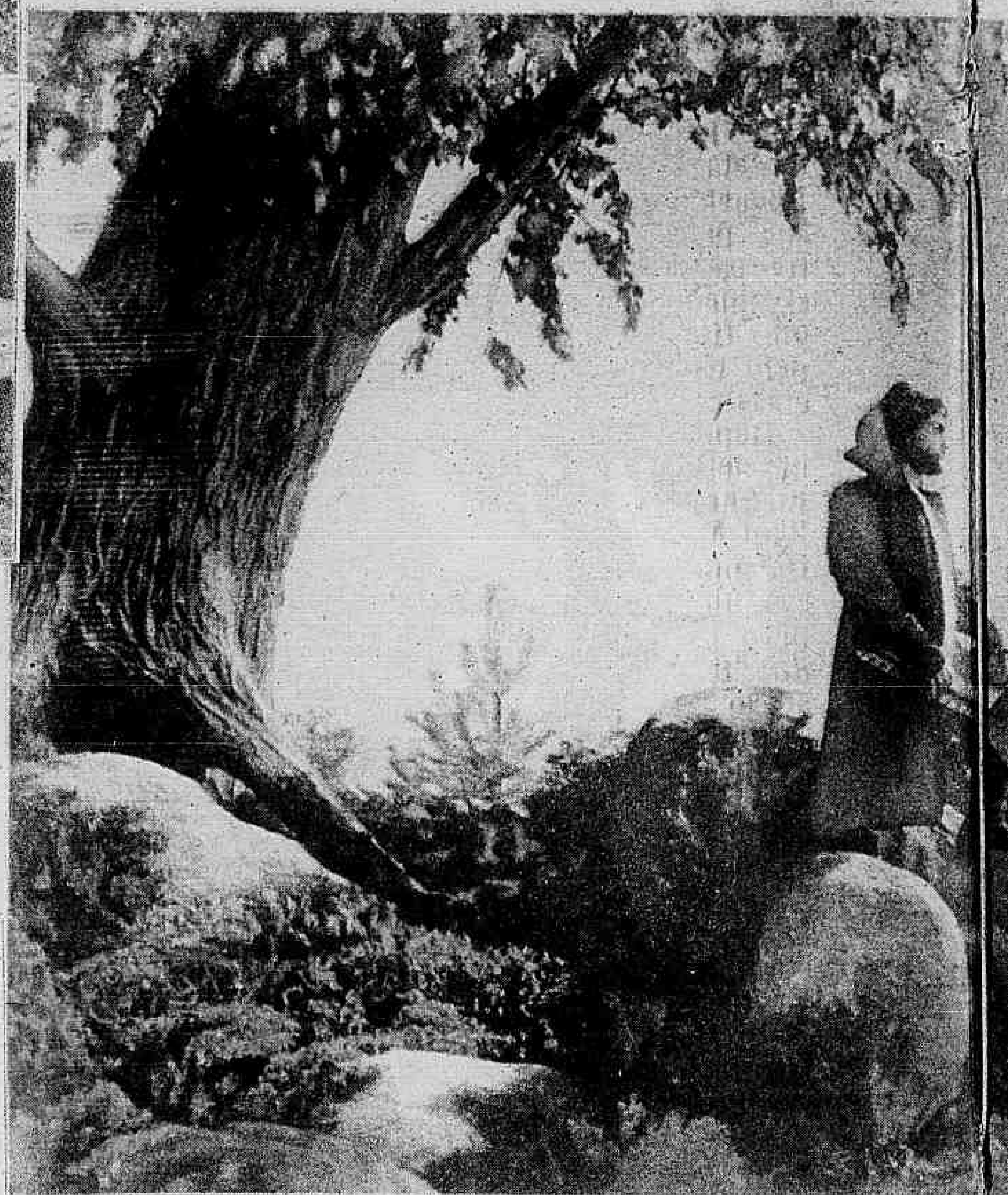
FICHA TÉCNICA

Produção	**Estúdios Cinematográficos «LENFILM»**
Argumento	**A. ABRAMOVA e R. ROSHAL**
Direção	**G. ROSHAL e L. SOKOLSKI**
Operadores	**M. MAGUID e N. SUVEROV**
Música	**Y. SVIRIDOV**



ELENCO

Rimski-Korsakov	**G. BELOV**
Stasov	**N. CHERKASOV**
Mamontov	**A. BORISOV**
Sabela-Vrubel	**L. GRITZENCO**
Glazunov	**V. JOJRISKOV**
Liadov	**A. KUSNETZOV**
Rimskaya-Korsakova	**L. SUJAREVSKAYA**



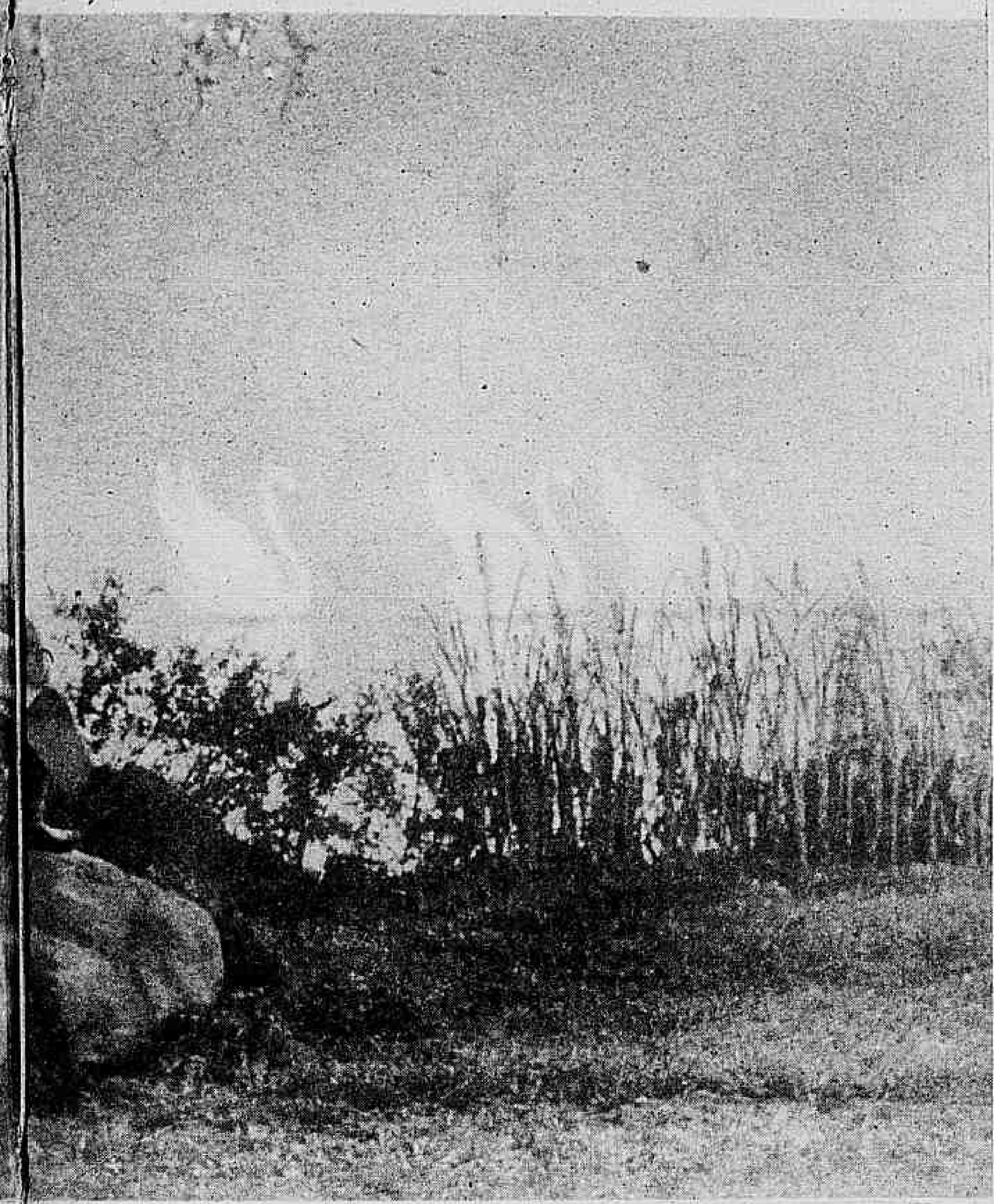
O lirismo e o bucolismo associam-se nas óperas de Rimsky-Korsakov.

EM uma habitação espaçosa, cheia de luz, sentado à mesa de seu escritório, encontra-se o compositor Rimski-Korsakov. Tem diante de si a partitura de sua nova ópera «Sadko». O olhar do compositor se perde na distância: ouve a música que acaba de terminar. Um terrível pressentimento o inquieta: a proibição pelo Tzar Nicolau II de apresentar-se a ópera «A Noite Boa». Não seria tal medida extensiva à sua última produção? Os temores logo são confirmados: a notícia breve lhe é trazida: «Sadko» foi proibida!

Nestes momentos de desespêro, seu amigo Stasov lhe apresenta o famoso milionário e mecenas Savva Mamontov, que acaba de inaugurar, por sua própria conta, em Moscou, um teatro onde seriam representadas várias óperas. Mamontov ama profundamente a música e acaricia uma velha aspiração: levar à cena uma ópera de Rimski-Korsakov. Mamontov, instado por Stasov, solicita ao compositor que lhe ceda a ópera que acabara de concluir a fim de levá-la no seu teatro. Rimski Korsakov aceita, acreditando nas possibilidades e intenções do mecenas.

A estréia é um verdadeiro triunfo. «Sadko» é bem acolhido pelo público que a aplaude frenèticamente. Além disso as conversas mantidas com os célebres pintores Serov e Brubel e, especialmente, com as cantoras de maior projeção como Sabela-Vrubel e Shaliapin inspiram Rimski-Korsakov à criar novas óperas.

O escritor lança-se ao trabalho e escreve uma obra atrás de outra. Para tanto contribui especialmente o talento da cantora Sabela-Vrubel, exímia intérprete do papel de Voljva na ópera «Sadko», Branca de Neve na ópera do mesmo nome e vários outros papéis principais de partituras assinadas pelo famoso compositor. Mas a continuidade e regularidade de seus trabalhos vê-se interrompida pelas primeiras rusgas com Mamontov. Por considerações econômicas o empresário insiste que a interpretação do papel de Branca de Neve seja confiada à Almasova, cujo êxito ante o público moscovita asseguraria uma invejável arrecadação de bilheteria. Rimski-Korsakov não aceita a imposição de Mamontov pois Almasova interpreta



Os temas folclóricos inspiraram as mais belas obras de Rimsky-Korsakov.





Uma das obras de maior sucesso foi Sadko.

errôneamente a personalidade de Branca de Neve. Trata-a como se fôra uma boneca glacial, filha do Frio, quando Branca de Neve é na realidade, filha da Primavera, que leva às pessoas a alegria e o amor. Rimski-Korsakov evita discussões maiores com o empresário e amigo pois não quer tratá-lo como um funcionário da Opera-Imperial com os quais mantinha constantes brigas. Mamontov não se deixa vencer por palavras e só vem a se convencer de seu êrro quando durante um ensaio no qual toma parte Sabela-Vrubel ouve a voz da cantora maravilhado.

Em sua residência de verão Rimski-Korsakov conclui a «Lenda do Tzar Saltan». Tem como convidado um outro grande compositor russo contemporâneo: Glazunov. Sentados à beira do lago, lêem a partitura da nova ópera. Soa a música e, na neblina precursora do amanhecer, Rimski-Korsakov imagina ver as prodigiosas cenas da sua mais recente obra, que ressuscita lendas populares.

Entretanto, em Moscou, Mamontov falhe. Seu teatro fecha as portas antes que possa levar à cena o brilhante «Saltan».

Mamontov oferece um banquete de despedida. Entre as pessoas presentes encontram-se Rimski-Korsakov, Stasov, Vrubel e sua espôsa e também Deguilov e Olev Ramenski, representantes do decadentismo. No banquete Rimski e Stasov dão a réplica aos decadentistas que cuidam de identificar suas elocubrações anti-populares e anti-realistas na música com o legado ideológico dos clássicos da música russa. A fim de valorizar as suas palavras e manifestá-las através de uma atitude mais positiva e convincente êle escreve uma nova ópera: «Kaschei, o imortal».

Chega o ano de 1905. Uma onda de greves sacode o país de um extremo ao outro. Na pequena sala do Conservatório, os alunos se reúnem e concordam em solidarizarem-se com os grevistas. Ao mesmo tempo, se reúne o professorado do Conservatório. O professor Soloviov, um dos partidários das repre-

sálias contra os grevistas, está convencido de que Rimski-Korsakov, zeloso defensor da discipilna, por-se-á sem reservas ao lado da direção. Estas esperanças entretanto não se justificam. A todos surpreende como um raio as palavras de Rimski-Korsakov:

— Não me seduzem as greves, porém se nelas se manifestam os anseios pelos quais sinto profunda simpatia — o ódio ao inumano, o regime de fuzilamento e do chicote — eu me manifesto solidário à decisão tomada pelos alunos.

Uma atitude desassombrada como esta não poderia ficar impune aos olhos dos dirigentes do Conservatório. Tomaram-no como insubordinado e despediram-no.

Todo o país responde a esta represália com centenas de protestos. O amado compositor recebe de tôda Rússia várias cartas e telegramas de simpatia.

Os alunos grevistas do Conservatório representam no Teatro Passagem a ópera de Rimski-Korsakov, «Kashei, o imortal», em benefício das vítimas do 9 de janeiro. A cena final da ópera, a fundação do reino de Kaschei e o triunfo de Buri-Bogatir, se converte em uma manifestação política. Na sala, plena de estudantes, intelectuais e vanguardeiros da Revolução, operários e artistas, Shaliapin entoa a canção dos homens livres de Pskov, da ópera de Rimski-Korsakov «Pskovitianka». Na sala irrompe a polícia. Não consegue porém silenciar êste formidável côro. O govêrno tzarista ordena que se retire de todos os teatros russos as óperas de Rimski-Korsakov, banidas dos repertórios.

A arbitrariedade das autoridades não quebra nem a vontade nem o espírito do compositor. Chega o ano de 1917. Rimski-Korsakov cria sua ópera «O Galo de Ouro». A censura tzarista proíbe também esta ópera notando que o enrêdo é uma sutil alusão aos fatos do momento. A proibição não impede que a mesma seja representada na sua casa de campo. A último cena é concluída: — «Na Rússia cantará o galo!» — diz o compositor após abaixar-se o pano.

Apesar das proibições governamentais, RimskiKorsakov via seu prestígio artística aumentar de dia a dia.



PATRÍCIA JÁ PODE BEIJAR

De SANIN, especial para a CENA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Patrícia em traje esporte e festivo — sempre bem.

Por que negar, a entrevista foi por certo movimentada e curiosa. A princípio marcada para a casa de Savana, a moça morena e elegante vizinha de Patrícia, companheira de infância. Savana nos acolheu em sua residência e começou uma sonolenta espera não muito longa. Já não eram mais cinco horas e eis que chega Patrícia carregada de embrulhos; roupa de lã para o inverno carioca e para o verão europeu. Sim, Patrícia Lacerda, a «estrêla» de «Com o Diabo no Corpo» vai à Europa. Contratou-a um produtor holandês para o principal papel feminino do filme «O Pescador de Pérolas».

Conversamos um pouco. Contou-nos as últimas novidades. Trabalha na Sacra Filmes no filme «Nobreza Gaúcha», dirigida por Mancini; o elenco também é integrado por um ser que ela respeita muito: o seu papagaio. Diz-nos ela que a parte do «louro» é bastante importante. Nesta película ela cantará três canções.

— «Estou confiante que tudo resultará bem. Cem por cento. Eu mesma já ouvi as gravações; — fiquei bastante contente. Tudo OK».

Mas eis que nos transportamos para o apartamento de Patrícia, na mesma rua em edifício próximo à magnífica casa de Savana (bonito nome, não acham?)

Mãe e irmã nos acolheram. Ambas simpáticas e cortezes assistiram e cooperaram com a entrevistada e com o entrevistador. No apartamento abundam livros de Coelho Neto (Patrícia é neta do famoso romancista). Também estava uma amiga de Ve-



Acima: Patrícia repousa.
Abaixo: Patrícia e sua irmã Vera Maria, uma «estrêla» em perspectiva.



«Fiu-fiu».



ra Maria (irmã de Patrícia e futura «estrêla»), fina e elegante, descendente de Alencar (José de) — a candura feita gente. Estudará Pedagogia. «Crianças felizes...»

Fotos de cá, fotos de lá, conversa vai e conversa vem; Patrícia vai nos contando sôbre suas coisas e suas aspirações. Seu primeiro filme ela o fêz aos dezesseis anos. Fêz um papel compatível à idade. Na película dançava ao lado de bailarinas do Teatro Municipal; foi grande o sucesso. Algumas cenas da película foram entretanto cortadas a pedido da família. Dois anos se passaram e Patrícia já pode beijar (nos filmes). Seu prestígio afirma-se dia a dia. E' candidata a Miss Brasil no concurso promovido pelo «Diário Carioca» (parabéns aos confrades pela escolha). Patrícia não pretende emancipação e só faz o que a família consente.

— Vamos dar tempo ao tempo, diz ela.

Freqüentemente, durante a entrevista, o telefone tocava chamando-a. Solicitadíssima, muitas vêzes não tem tempo de cuidar de seus afazeres. Inúmeras festas e programas os mais diversos. Além disso, vários contratos invejáveis têm-lhe sido ofertados.

— Eu lhe citarei alguns como: Copacabana Palace, Casablanca. Quanto ao cinema nem me fale! Uma porção dêles! Prefiro os musicais. Sonho fazer um filme; está prontinho mas, ... na cabeça. Um musical, naturalmente. Uma das cenas seria sensacional, imagine só: uma perna é projetada no «écran» e, u'a mão enluvada (luvas pretas) segurando uma imensa piteira a acompanha. Aí, apareceria eu, vestida em um «maillot» de lantejoulas, um imenso chapéu de plumas coroando a cabeça «and so on». O cenário vermelho com uma cadeira simples e negra no centro. Eu dançaria um «blue» lamentoso, apoiada às espaldas da cadeira. acompanhada pela clarineta langorosa. A música teria que ser dessas que nascem dentro da gente. Que tal?»

— Entre os papéis que você não gostaria de representar, qual se destaca?

— Os papéis dos filmes dramalhonescos, gênero «mexicano». Aquêles «tais» de vida complicadíssima. Nunca desempenharia um papel daqueles.

Outro telefonema. Era Arnaldo Montel e lembrava-lhe um compromisso na buate Vogue: a inauguração do Clube de Cinema.

Uma última pergunta, desta vez sôbre literatura.

— Quais os autores prediletos?

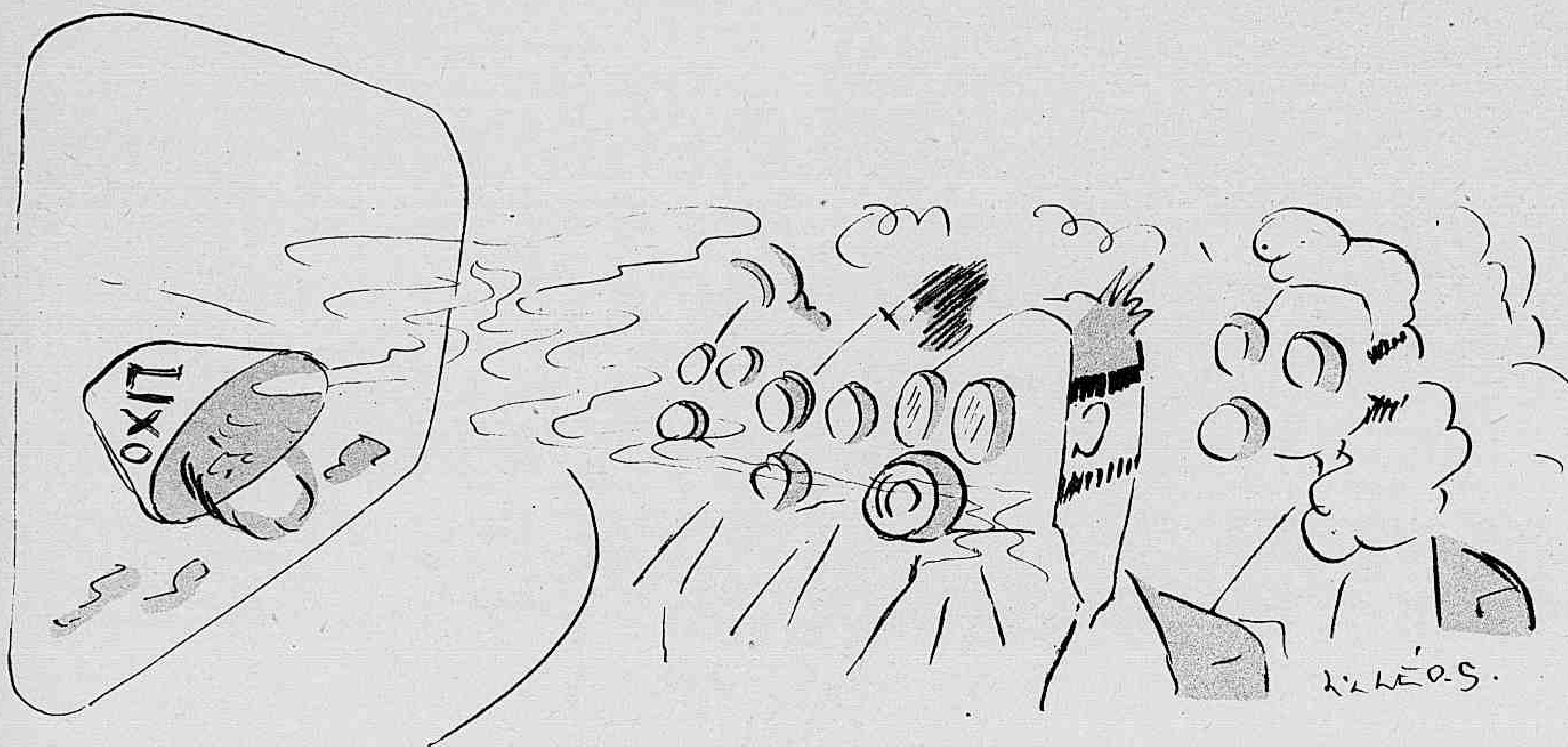
— Gosto apenas dos livros de Coelho Neto, meu avô!

Isto nos bastava. Despedimo-nos:

— Good bye, Patrícia.

O ODOR NO CINEMA

De VICENTE SALGUEIRO, exclusivo para «A CENA»



O cinema odorífero poderá trazer vantagens e desvantagens mas o espectador por vêzes será uma vítima. Na «charge» acima, do cinema de daqui a 50 anos, os espectadores levam as suas máscaras para assistir aos filmes de guerras e outros mais...

Há tempos o cronista de um jornal diário deparou com uma pequena notícia deveras interessante. Constituiria uma curiosa aplicação técnica à arte cinematográfica. O caso era, em síntese, o seguinte: um engenheiro, talvez dotado de sensibilidade artística algo restrita, não satisfeito com a impressão que lhe causava o desenvolvimento na tela de uma película, trabalhava num invento a ser aplicado aos cinemas de todo o mundo. Afinal, uma descoberta: os sentidos do espectador eram atingidos e excitados por processos puramente mecânicos. Assim, quando tínhamos no filme uma cena desenrolada em jardim florido, o público espectador deveria ter o seu olfato impregnado de um aroma semelhante àquele que exalasse do jardim.

Como vêem os leitores, a idéia não deixa de apresentar o seu aspecto pitoresco. Parém, entra em choque direto com um transcedental fator da arte, justamente aquêle que lhe confere o seu grau de grandeza: a impressão causada pelos elementos metafísicos que dimanam da própria obra artística. Realmente, nunca poderemos conceber que máquinas especiais nos dêem a capacidade para determinado sentimento, como se a não possuíssemos integrada em nosso ser.

A importância, ou melhor, a grandiosidade da arte reside na qualidade e no vigor das impressões que ela nos causa. Se depararmos com um belo quadro de Cézanne ou de Van Gogh, prescindimos perfeitamente de máquinas que nos façam sentir o que o pintor quis transmitir. Mesmo que nada sentíssemos, o aparelhamento far-se-ia vão, já que essa insensibilidade adviria forçosamente ou da mediocridade do artista ou de nossa incompreensão e ignorância para com a obra.

O cinema, quando realizado com gênio, irradia continuamente uma torrente de sensações e paixões que dominam completamente o espectador. E essa completa abstração do exterior motivado, conseqüentemente, total absorção dos fatos desenrolados na tela, provém apenas de nossos sentidos, excitados «sòmente» pela arte, e não de máquinas aperfeiçoadas, que nos transformariam em autômatos, na contemplação fria e insensível do espetáculo cinematográfico. Tal processo técnico é, portanto, inteiramente falso em seu escopo, porque não só desvirtua, como também coloca-se em completa oposição com o cinema, tomado em seu sentido artístico, que é a profunda impressão causada no espectador, seja de alegria ou de tristeza, de bondade ou de ira, de amor ou de ódio.

SEGREDOS DA TELA

O HOMEM RETOCA O CÉU

Por "LONG-SHOT"



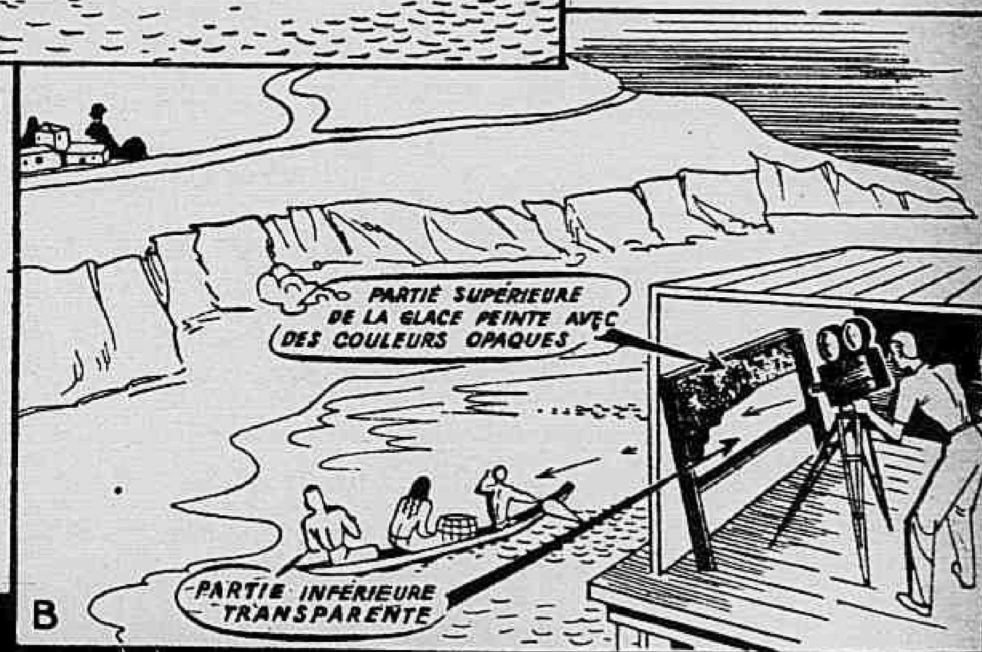
Nestas eloquentes fotografias, pode-se observar como, com a aplicação de um simples dispositivo à frente da câmara, pode-se mudar o aspecto do céu.

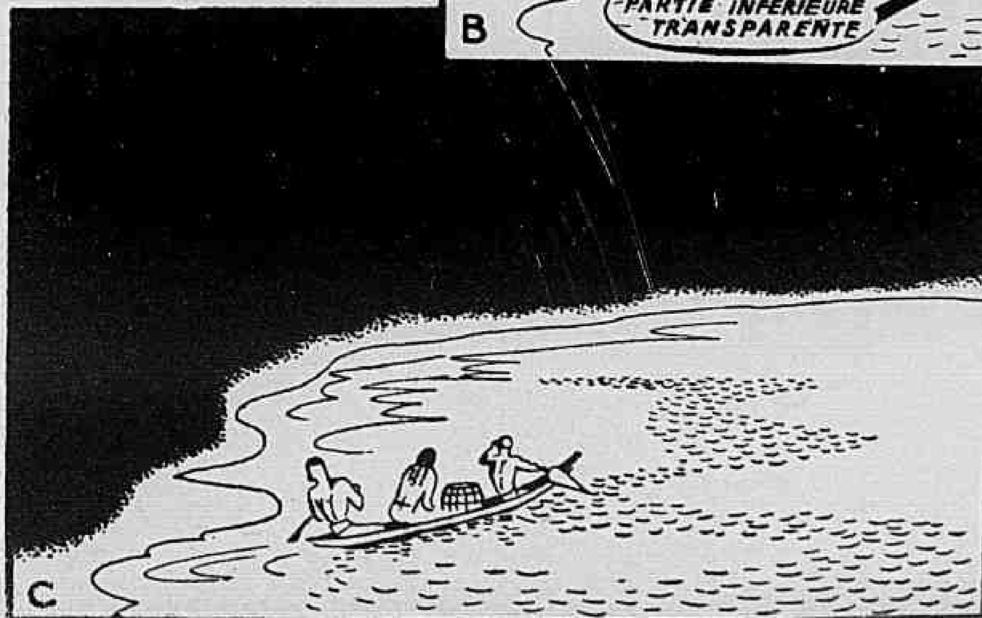
Uma das grandes dificuldades que os cineastas do passado enfrentaram, foram as filmagens exteriores. O céu, todos nós sabemos, muda de feição à cada instante. Com o passar dos dias êle torna-se de sereno, tempestuoso ou vice-versa. Um dia de filmagem não pode ser perdido e muito menos esperar-se a recomposição da feição anterior. Para superar esta dificuldade, os cineastas criaram um pequeno dispositivo, telas de vidro transparentes e pintadas que, colocadas frente à objetiva e sobreposta a uma linha do horizonte, prèviamente estabelecida, cria um céu de aspecto constante e inimitável que muito auxiliará o realizador, sempre preocupado com o problema do tempo.

Êste mesmo processo tem permitido compor magníficas paisagens, plantando-se no meio de pacíficos lagos, lindos castelos medievais, ou reconstituindo-se cenas desenroladas no meio de uma selva à margem das mais civilizadas praias do mundo. Como vêem, algo parecido com o caso do «ôvo de Colombo». Cinema e ilusão caminham juntos. . .



Antepondo à câmara uma tela de vidro pintada e, pela superposição na imagem, de um anteplano que mascara parte da paisagem, os cineastas conseguem efeitos surpreendentes. Nas três gravuras ao lado pode-se observar como tal truque é realizado.





TOUMANOVA EM SÃO PAULO

JONALD, exclusivo para a CENA



O cisne baila no lago, pouco antes da sua morte. Toumanova em uma das suas grandes criações, em «A morte do cisne». No filme da 20th. C. Fox reviveu a figura de Pavlova. Os trechos dêste seu notável bailado serão re-apresentados em «Festival Ballet», o 3º Festival Mundial de Filmes de Dança, dentro em pouco no Rio, São Paulo e Pôrto Alegre.



Em «Dom Quixote», uma das suas mais discutidas criações.

NASCEU Tamara Toumanova em 1920 tendo, portanto, 34 anos de idade. Deixou a Rússia, seu país natal, pela França, aos 10 anos de idade. Com apenas 11 anos já tomava parte em espetáculos na Ópera de Paris. Dançando desde criança despertou muito cedo a atenção do mundo da dança e, inclusive de Pavlova, tendo sido uma das suas protegidas. Aos 16 anos de idade, ainda adolescente, passou a integrar o famoso e extinto «Ballet Russo de Monte Carlo» tendo sido uma das suas legítimas atrações. Excursionou pelos principais países do mundo e ficou consagrada como uma das destacadas bailarinas contemporâneas. Foi integrante, como primeira figura, de outros importantes elencos como os de Basil, Ópera de Paris (1947), do Marquês de Cuevas (1949).

Das várias oportunidades a que tivemos oportunidade de vê-la dançar, creio que jamais figurou tão bem quando integrava o conjunto da Ópera de Paris. Através da direção do grande Serge Lifar que, então, era o coreógrafo e «maitre de ballet» do célebre conjunto, apresentou admiráveis criações. Aqui mesmo, no Rio, há quatro anos, em 1950, teve ocasião de exibir esta fase que foi o seu verdadeiro «climax» artístico.

Naquela inesquecível temporada apresentou, sem dúvida, admiráveis criações. Em confronto inclusive com as suas modernas criações, nada presenciei de melhor em Toumanova do que a sua magistral personificação em «Phedre», uma tragédia coreográfica de Jean Cocteau, coreografia de Lifar, música de Georges Auric e, no gênero, uma obra-prima. Foi neste bailado que, em tôda a sua carreira, melhor se amoldou o seu exótico temperamento. Inesquecível a sua interpretação dramática-coreográfica, a sua paixão por Hipólito e o trecho da sua morte. Em meio de raro simbolismo todos os fatôres se gruparam para um dêsses êxtases de frêmito artístico.

Nesta mesma temporada dançou Toumanova, em vesperal, uma «Giselle» muitas vêzes superior a que viveu, no ano passado, no Teatro Municipal. Outros dos seus sucessos daquela época foram «La mort du cygne», ao lado de Michel Renault, em argumento e coreografia de Lifar (dançando na 5ª récita); o «Pas de deux» do «Lago do cisne», ao lado de Alexandre Kalioujny; o «Pas de deux» clássico, de Tchaikowsky-Glazunow ou «L'Inconnue», de Lifar em que interpretou — e muito bem — uma jovem desconhecida que entrava em um templo quando um homem tocava ao piano, em meio de forte bombardeio, e um seu companheiro o ouvia. A desconhecida, que simbolizava a morte, leva um alento de melhor antes que ambos caiam mortalmente feridos. Grandes atuações, as de Toumanova, Lifar e Michel Renault.

Na sua volta ao Brasil, no ano passado, Tamara provocou grandes controvérsias. Um fato, porém, é certo. A grande bailarina, devido ao seu versátil e impetuoso temperamento, atuando em «tournées» isoladas, nem sempre mantém o necessário contrôle, expandindo-se em desnecessárias acentuações. Devido à sua própria índole necessita, para maior precisão nos bailados, do contrôle de um coreógrafo. Na minha opinião, embora a diferença de formas apresentadas, entre uma ou outra temporada, não há, conforme muitos falaram, o menor declínio. Apenas uma questão de existir ou não o influxo de uma outra personalidade que evite certas exacerbações. Sòzinha, não domina a vibração do temperamento enquanto que, orientada — tôda bailarina não pode contar com a sua auto-crítica e sim com a opinião dos mestres — por exemplo, por um Lifar rende muito mais.

No momento em que A CENA estiver circulando, Tamara, com novo «partinaire», inaugura uma excelente temporada no Teatro da Cultura Artística, de São Paulo. É possível que tenha oportunidade de visitar a capital bandeirante precisamente nesta época e através destas páginas especializadas volte ao assunto.

No cinema, Toumanova já tomou parte em um admirável filme, de longa metragem, no qual não dançava mas onde teve oportunidade de mostrar que também é excelente atriz para as imagens da tela. Foi em «Quando a neve tornar a cair», título brasileiro de «Days of Glory», onde atuava ao lado de Gregory Peck. Certamente, a esta hora muita gente já se lembrará de pedir a volta dêste belíssimo filme, através do concurso que A CENA está realizando (página 5 desta revista). No filme de curta metragem, o «technicolor» da Warners, «Capricho espanhol», exibiu uma grande atuação, em papel muito de acôrdo com o seu exotismo. Esta película, que tem sido revista no Rio e São Paulo nos Festivais Internacionais de Bailados («A dança através dos

(Cont. na pág. 34)

Em seu camarim, quando da sua temporada, com o «ballet» da Ópera de Paris, no Teatro Municipal, Toumanova dançou admiràvelmente, muitas vêzes superior às suas exibições com Oleg Tupine.





O filme inglês que a Columbia distribuiu, na semana em revista.

Em «8 homens de ferro», como em outras películas de Kramer, há a dificuldade de transformar em cinema um texto de origem teatral. Parte de uma peça de Harry Brown, que se encarregou da adaptação. Um grupo de soldados tem sua ação tolhida pela proximidade do inimigo, e alguns se esforçam para libertar um companheiro encurralado sem poder se locomover, a fim de alcançar o esconderijo. Há uma metralhadora que espreita e ameaça. Cabia ao cenarista e ao diretor libertar a obra de sua feição teatral, tarefa em parte malograda. Não que não houvessem esforços, pelo contrário: há a insistência do corte; os primeiros planos; a movimentação da câmara; as excelentes enquadrações desenhadas prèviamente, como sempre, por Rudolph Sternad; as cenas irreais da história, de linha cômica, com a câmara subjetiva em lugar do personagem (segunda visão do soldado Colucci). Mesmo assim o interêsse é literário. O campo de ação é limitado, porque o diálogo conduz a ação. Kramer se utilizou de um grupo de atores desconhecidos de nome, de nosso público, embora já vistos em atuações anteriores: Arthur Franz, que interpretou o atirador em «Volúpia de matar», Bonnar Coleano, o soldado Colucci, a figura mais saliente do grupo, e Richard Kiley, o soldado que quer a todo custo salvar o companheiro. E apresenta a atriz Mary Castle, considerada como sósia de Rita Wayworth, e de fato, parecida com ela.

FILMES LANÇADOS A PARTIR DE 26 DE ABRIL

2 1/2 — "MARGARIDA, QUE PAIXÃO !"

Comédia divertida e despretenciosa dirigida por De Sicca e escrita por Zavattini (anterior a «Ladrões de bicicleta») em colaboração com Albert Sordi, que é também o «astro» do espetáculo. Criando um retardado mental que canta no côro da paróquia, cuja única razão de ser é amolar a paciência de seus semelhantes e fazer a côrte à Margarida, Sordi consegue ser engraçado, apesar de seus recursos visìvelmente limitados. Sua composição faz lembrar, por vêzes, o Bourvil de «O último homem virgem sôbre a terra». Os autores da história revelam imaginação, encontrando algumas situações de grande hilaridade, que poderiam, entretanto, ser melhor exploradas, como a seqüência do banho de mar. Geralmente, nas comédias, o acaso transforma o palhaço num herói; aqui, êle permanece palhaço até o final, ainda que inteiramente inconsciente de sua situação. Os atores todos se conduzem como maus amadores, com exceção de Sordi que, felizmente, monopoliza a câmara. «Margarida, que paixão» é a diversão ideal para quem não exija muito de uma comédia. Título original: «Mamma mia, che impressione», produção P.F.C. lançada no Presidente.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 e 1 1/2 — fraco; 1/2 — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

2 — "GLORIOSA CONSAGRAÇÃO"

Figurou entre as «80 Pré-Estréias» que foram minuciosamente analisadas no Festival Internacional de S. Paulo. O assunto é bom pois rememora a carreira de Grace Moore, que figurou em tantos filmes, no início do cinema falado. Da soprano famosa foi evocada a passagem da sua vida em que se dedicou ao gênero popular. Filme de nível comercial, com Kathryn Grayson imensamente longe do espírito e da voz da biografada. Direção comum, de Gordon Douglas. Não chegam a interessar os números musicais mas sempre têm seqüências que impedem o desinterêsse mais acentuado.

PRÉ-ESTRÉIA DA PRESENTE SEMANA

4 — "CARROSSEL DA ESPERANÇA"

Esta é a primeira comédia de Jacques Tati a ser exibida entre nós e também sua primeira realização cinematográfica. Recebeu prêmios em Cannes e Veneza e bem os mereceu. Seu filme seguinte, «Les vacances des Monsieur Hulot», foi também premiado em Cannes, em 53. Esperemos com interêsse por essa película, pois êste «Carrossel da esperança» (título que não foi bem escolhido) foi altamente promissor. É uma película repleta de minúcias sutis e inteligentes. O início, com a chegada do carrossel, é a vila de Saint Sévére, apresenta um detalhe dos mais sutis: os cavalos que se põem a correr ao avistar os cavalos de madeira, do carrossel. Tati espelha êstes e tantos outros «achados» com espírito e graça. Por exemplo: a velha que comenta, de quando em quando, a ação; o homem estrábico; o inseto que zumbe insistentemente em volta do carteiro e do lavrador; a acidentada colocação do mastro do carrossel; as evoluções do carteiro; a exibição do filme sôbre a entrega de cartas nos Estados Unidos; a antidiluviana máquina de projeção; o diálogo entre a mocinha e o mocinho do «far-west» ouvindo pelo lado de fora, enquanto a empregada e «Roger» se namoram com o olhar. A fita reúne sátira leve e inteligente e a comicidade mais acessível. O filme vive mais da observação e dessas minúcias humanas do que de uma história, com princípio, meio e fim. A narrativa pode ser considerada episódica. Mas é a deliciosa entrega de cartas à maneira americana, que vem a ser a parte mais inesperada, humorística fina, dinâmica e cinematográfica do notável «Jour de Fête».

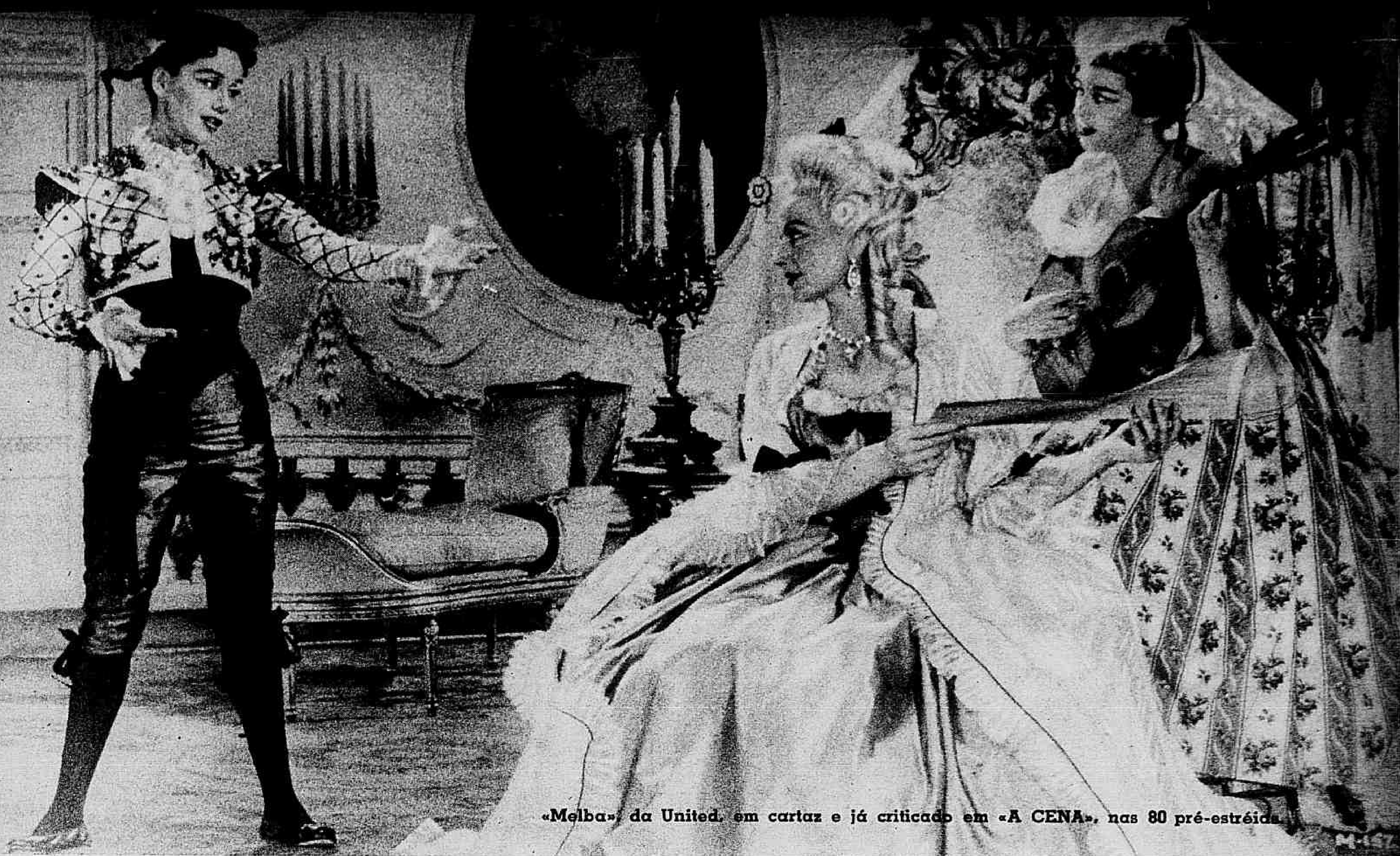
Jacques Tati além de ser um cineasta completo é um cômico, que faz uso de seu corpo, sua estatura e agilidade. Certamente, ganhará muitos admiradores entre nós. Seus colaboradores são Guy Decombe, Paul Frankeur, Santa Relli (os donos do carrossel), Maine Vallé (a empregada) e outros, esplêndidos como tipos. Em suma, «Carrossel da esperança» é um ótimo espetáculo. Título original: «Jour de Fête».

3 — "OITO HOMENS DE FERRO"

A última que faltava ser exibida, de uma série de três películas produzidas por Stanley Kramer com Edward Dmytryck na direção. As demais foram «Volúpia de matar» e «O malabarista». Kramer é dos mais credenciados produtores independentes de Hollywood, bastando citar suas excelentes e bem cuidadas produções «O invencível», «Matar ou morrer» e «A morte do caixeiro viajante», etc.

«Os turbulentos», Columbia, com John Dereck e Wanda Hendrix.




«Melba», da United, em cartaz e já criticado em «A CENA», nas 80 pré-estréias.

1 ½ — "CAMINHE PARA LESTE"

Éste filme faz parte de um plano norte-americano de combate ao comunismo. Baseado em um relato dito «fiel», procura expor o plano de atividades de um grupo de agentes. O objetivo era a posse de planos de um cérebro eletrônico, calculado por um professor emigrado (cujos traços, lembraria Einstein) e que solucionaria cálculos que uma vida de trabalho humano não seria suficiente. O professor tem um filho na Alemanha Oriental que se presta a telefonemas interubanos e por cujo apêlo o professor vê-se constrangido à entregar os resultados obtidos na máquina. Feito dentro do maior esquematismo que é dado ao gênero ainda pouco explorado, o filme é eivado de lugares comuns, de frases banais como a que puseram na bôca do professor quando de alguns diálogos com um «espião». Um narrador explica e justifica vários acontecimentos e intenções que passariam desapercebidas ao espectador desavisado. A fotografia bem contrastada, a interpretação de George Muphy e de Virginia Gilmore correta. A produção de Louis de Rochemont é medíocre. Título original: «Walk Eeast Bacon», Columbia.

1 ½ — "MESSALINA E O BOMBEIRO"

Numa fraca cenarização de Marchesi e Steno, passa à vista do espectador uma comédia ou sátira? Não conseguimos adivinhar o que desejava ser feito pelo realizador. Carlo Campanini é um bombeiro de pequena cidade, cujos habitantes ridicularizavam aquela corporação a que pertence. Tem um problema em casa: a filha que resolve entrar para o teatro e uma espôsa implicante. Mas a maior parte do espetáculo se constitui de uma peça de teatro revista, muito cacete e pèssimamente filmada. Ave Ninchi e Ernesto Almirante aparecem apagadamente. Há muitas pequenas com pouca roupa e muitas piadas sem graça no desfile de três companhias de revista, entre as quais a de Totó. Mario Matoli, medíocre diretor, tem em «Messalina e o Bombeiro», uma das suas piores realizações. «I Pompiere de Viggiú», distribuição da Art Films, estreou no Rivoli.

REGISTROS

«OS TURBULENTOS» (**«The Last Posse»**, Columbia) — «Western» que apresenta bom elenco: Broderick Crawford, Charles Bickford, John Derek e Wanda Hendrix. Será comentado na próxima semana. Lançado no Alvorada e S. Pedro.

«OS MISTÉRIOS DE TANGER» (Republic) — Outro «bólide» porém, de escassa importância. Lançado no Miramar e em Niterói (Odeon).

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

3 — "O BRUTO"

(EXIBIDO EM 1953 NO RIO E NAO COMENTADO EM «A CENA»)

Não é realização extraordinária, mas muito se valoriza se comparada à produção comum vinda do México. A película se sustenta pela direção e forma cinematográfica imprimidas por Luiz Bunuel. Embora o argumento seja aceitrável é a direção que se apresenta sempre equilibrada e boa, convincente ao conduzir a trama e os atores. A violência, miséria e algum sensualismo se apresentam exposto nas fitas melodramáticas do México. Pedro Armendariz impressiona sempre pela figura e expressão. Secundam-no bem Katy Jurado e Andres Soler. Aguardemos pois, com interêsse a premiada película de Bunuel «Los olvidados». Título original: «El bruto», no Ópera.

LANÇAMENTOS A PARTIR DE 19 DE ABRIL

3 — «AS AVENTURAS DE PETER PAN» («Peter Pan») — Desenho animado em longa metragem, produção de Walt Disney, RKO.

4 ½ — «AVES AQUATICAS» («Water Birds») — Documentário em «technicolor». Disney. (No Ipiranga e circuito de 19 casas).

3 ½ — «O MENINO E A MULA» («Pepino e Violeta») — Art Films. Com Vitorio Manuta e Arnoldo Foá. Direção de Maurice Cloche. (No Marrocos).

Filmes. Com Lise Bourdin e Etchika Choureau. Direção de Leonide
Filmes. Com Lise Bourdin e Etchike Choureau. Direção de Leonide Moguy. (No Jussara).

2 ½ — «O MONSTRO DO MAR» («The beast from 20.000 fathoms») — Direção de Eugene Lourie, com Paul Christian e Paula Raymond. (No Art Palácio).

«AVENTURAS DE ROCAMBOLE» («Rocambole») — Art Films. Com Pierre Brasseur e Sophie Desmarets. Direção de Jacques de Baroncelli. (No Oásis).

«O DESTINO QUIS ASSIM» («Holiday for Sinners») — Metro, com Gig Young e Janice Rule. (No circuito complementar do Metro).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

«A MONTANHA DE CRISTAL» («The Glass Mountain») — Filme inglês, com Valentina Cortese e Michael Denison. (Apresentação UCB, no Normandie).

2 ½ — «PRISIONEIROS NA MONGÓLIA» («Destination Gobi») — Com Richard Widmark e Don Taylor. (No Marabá e circuito). Já criticado em A CENA.

1 ½ — «DOCE INOCENCIA» («Bloodhounds of Broadway») — Com Mitzy Gaynor e Scott Brady. (No Ritz São João). Criticado em A CENA.

"REPRISES"

«MONSIEUR BEAUCAIRE» — Paramount, com Bob Hope. Direção de George Marshall. Filme de 1946. No Bandeirantes.

«QUANDO A MULHER SE ATREVE» — «Far-west» da Republic, com John Wayne e Martha Scott. Cartaz do Broadway.

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«O MANTO SAGRADO» — (3ª semana, no República).
«A RAINHA VIRGEM» — (3ª semana, no Metro e Leblon).

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para A CENA, coordenados por L. BOLTSHALSER

A linda Paula Corday ao lado do atual mais famoso barbado de Hollywood: Arthur Hunnicutt, em um intervalo do discutido filme de Jane Russell: «The French Line».

ITÁLIA

Rossana Podestà venceu Virginia Mayo na competição pelo papel de Elena de Tróia. A direção geral da Warner vem de comunicar que, após um ano de buscas entre artistas americanas e européias, o produtor Jack L. Warner acaba de firmar contrato com a atriz italiana Rossana Podestà para interpretar a protagonista de «Elena de Tróia», cujas filmagens serão brevemente iniciadas em Cinecittà, sob a direção de Robert Wise. O papel fôra a princípio destinado à bela ruiva Virginia Mayo, mas posteriormente descobriram que os cabelos de Elena eram negros e não vermelhos. Virginia, assim, perdeu-o para a italiana. O papel de Páris caberá a Jacques Sernas.

Encontra-se em Roma, procedente de Hollywood, a famosa atriz e dançarina Ludmilla Tchérina, contratada para interpretar a co-produção franco-italiana «A filha de Mata Hari», baseada no romance de St. Laurent. A direção estará a cargo de Carmine Gallone e Renzo Merusi, e será rodada em côres, pelo processo Ferraniacolor. A história relata as aventuras de uma imaginária filha da famosa espiã Mata Hari, chamada a cumprir perigosa missão por conta de uma grande potência beligerante, e será ambientada nos Estados Unidos e na Indonésia. No «cast» figuram os nomes de Erno Crisa, Milly Vitale, Frank Latimore e de famosos dançarinos indonésios. A direção da fotografia estará sob a responsabilidade de Gabor Poganyi.

FRANÇA

Christian-Jaque e Henri Jeanson dão os últimos retoques à cenarização de «A Du Barry» que, sob a direção do primeiro, será pròximamente realizado em «technicolor» numa co-produção ítalo-francesa à qual estão associadas a Francinex, Ariane-Filmsonor e a Rizzoli. A filmagem será realizada inteiramente na França. Martine Carol interpretará a pequena merceeira que se tornou amante de Luiz XV e acabou no cadafalso. No tempo do silencioso, em 1919, a história de Madame du Barry foi levada à tela na Alemanha por Lubitsch com Pola Negri no papel principal.

Fernandel é talvez o único ator do mundo que pode anunciar desde já seus planos para . . . 1956! Após o término das filmagens de «O pequeno mundo de Don Camillo», o famoso comediante já tinha 5 ou 6 filmes programados. E assim, foi obrigado a determinar com grande antecedência os seus dias de repouso, períodos de férias ou dias de descanso para festas como Natal, Páscoa, etc. Se não fôsse assim, êle estaria no estúdio de 1º de janeiro a 31 de dezembro, sèm folga, ainda por dois anos! Nos projetos imediatos de Fernandel, figuram um «Ali Babá», «Quasimodo», um terceiro «Don Camillo» e , finalmente êsse famoso «Carneiro de cinco patas» («Mouton à cinq pattes»), que êle interpretará logo após «Mademoiselle Nitouche», e onde terá ocasião de desempenhar seis diferentes papéis!

ALEMANHA

O panorama cinematográfico na Alemanha Ocidental tem se mostrado bastante pobre. Os produtores só estão interessados em realizar pomposas e vazias obras históricas ou operetas filmadas, despidas de qualquer significação. Ao público novamente é servida Marika Rok, em tôdas as refeições, ou biografias falsas de Schubert, Beethoven ou Johann Strauss, realizadas em moldes obsoletos. Nesse árido panorama, toma relêvo especial «Liebesgeschichte» (Uma história de amor), cuja «estrêla» é Hildegard Neff. O filme, em cuja equipe técnica figuram nomes conceituados como o de Carl Zuckmayer, responsável pela cenarização, Eric Pommer, na produção, e Rudolf Jugert, na direção, tem sido recebido pela crítica com grandes elogios.

INGLATERRA

Michael Redgrave, que no decorrer do ano passado teve ocasião de colar no queixo as barbas de alguns dos mais ilustres personagens shakespeareanos, como a de Otelo, do Rei Lear, de Antônio, aparecerá barbado no cinema — pela primeira vez — interpretando o papel do velho advogado Deliot em «The green scarf», segundo a obra de Guy de Cars. Leo Genn, Ann Todd, Kieron Moore completam o elenco, que atuará sob a direção de George More O'Ferral.

Curtis Bernhardt realiza nos estúdios britânicos um filme em côres que narra as aventuras do belo Brummel, apelidado «o rei da moda» por seus contemporâneos do início do século XIX. Stewart Granger incarna o célebre Dandy, secundado por Elizabeth Taylor, que é lady Patricia Belham. O pequeno papel do príncipe de Gales coube a Peter Ustinov, que atualmente já se encontra em Hollywood, figurando em «O egípcio».

HOLLYWOOD

Billy Wilder anunciou que escolherá provàvelmente um desconhecido para interpretar o principal papel de «The Lindberg story». Fêz saber, entretanto, que antes experimentará Gary Cooper, Burt Lancaster, Steve Forres e, se fôr encontrado, Marlon Brando. Leopold Lindberg, o herói da história, receberá um milhão de dólares.

O romance entre Fred Mac Murray e June Haver, que floresceu sob o tropical céu do Brasil, continua despertando a curiosidade de Hollywood. Entretanto, os dois preferem esconder sua felicidade discreta em um minúsculo café de Santa Mônica, onde Fred maravilha sua namorada tocando saxofone.

O filme que Montgomery Clift e Jennifer Jones interpretaram há muito na Itália sob as ordens de William Wyler, e que se intitulava «Station Terminus» foi rebatizado para «Indiscrições de uma espôsa americana», e sofreu algumas modificações, como a inclusão de duas canções, antes de sua apresentação nos Estados Unidos. Para ser compreendido pelo público americano, justificam os chefes de produção da Paramount . . .

Ginger Rogers brinca com o seu diretor, o famoso Irving Rapper, quando da filmagem de «No entardecer da vida», da Paramount, a respeito de um certo ângulo de filmagem.



OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS

(Continuação da pág. 9)

"A QUEDA DA BASTILHA" (de Jack Conway, Metro). Não foi apenas o imponente da reconstituição mas uma obra de valor. Ronald Colman, perfeito, ao lado de Elizabeth Allan; "A NOITE TUDO ENCOBRE" (de Richard Thorpe, Metro). Filme de importância no "ciclo" dos trabalhos criminais no cinema, Robert Montgomery, Rosallind Russel e Dame May Whith; "ESQUECER, NUNCA" (de Melvin Le Roy, Warners). Estudo de grande valor sôbre a injustiça de certas leis. Abordava o preconceito racial e o linchamento. Claude Rains, magistral e Gloria Dixon; "O HOMEM QUE NÃO PODIA AMAR" (França), de Edmund Greville, em orientação de cinema pelas imagens, com Jean Galland e Jeanine Boitel; "ADOLESCÊNCIA" (Tcheco Slováquia), de Joseph Rovensky, um poema de rara sinceridade, com Vasa Jamolec e Jaruna Berankova; "COMO GOSTEIS" (de Paul Czinner, Inglaterra). Uma das imortais peças de Shakespeare e dos melhores filmes do ano. Laurence Olivier e Elizabeth Bergner; "LUCRÉCIA BÓRGIA" (Abel Gance, França). Filme histórico de grande categoria, do realizador de "Napoleon". Gabriel Gabrio e Edwige Feulliere, os principais; "UMA CABANA NO CÉU" (o famoso "The Green Pastures", de William Keighley, Warners). Um estranho tema, sugerido com muito cinema; "FOGO SÔBRE A INGLATERRA" (de William Howard, Inglaterra). Filme histórico como sòmente a Grã Bretanha poderia fazer. A primeira vez que se reuniram na tela Laurence Olivier e Vivien Leigh (o início do romance), como sempre magníficos, ao lado de Flora Robson; "SABOTAGEM" ou "O MARIDO ERA O CULPADO" (de Alfred Hitchcock, Inglaterra. Alta categoria de emoções do "suspense", com soberbas atuações de Sydney e Oscar Homolka; "STELLA DALLAS" (de King Vidor, United). Ainda um admirável trabalho do cineasta que superou o aspecto antiquado do livro. John Bolles e Anne Shirley os mais destacados; "FLIRT" (de Robert Z. Leonard, em seu melhor filme, Metro). Refilmagem de "Mascarada", aproveitando, inclusive, o roteiro original, de Walter Reich. Mesmo reconstituindo cena por cena da película alemã e, embora muito bom filme, foi inferior à obra-prima de Willy Forst; "IMPERADOR DA CALIFÓRNIA" (Itália, de Luis Trenker). Outra primorosa realização de Trenker que também foi bom protagonista central; "O SÉTIMO CÉU" (de Henry King, 20th.C.Fox). A segunda versão do famoso filme silencioso, de Borzage, mesmo perdendo para o primitivo, foi um trabalho de valor artístico. James Stewart foi o "Chico" e Simone Simon a Diana; "PRIMAVERA" (de Robert Z. Leonard, no único período áureo da carreira). John Barrymore, Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy; "ALLÓTRIA" (de Willy Forst, Alemanha). O cineasta alemão manteve o prestígio com êste excelente filme. Adolph Wolbrueck e Jenny Hugo; "LÁBIOS PECADORES" (de Paul Czinner, Inglaterra), com a genial Elizabeth Bergner em um dos seus portentosos trabalhos; "MARIA STUART" (de John Ford, RKO). Muito boa a atmosfera ambiente da história e os desempenhos de Fredric March e Katharine Hepburn; "MEU FILHO É MEU RIVAL" (de William Wyler, United). O grande diretor em filme bem apreciável, com Edward Arnold e Frances Farmer; "OS PREDESTINADOS" (de Alfred Santell, RKO), com Humprey Boggart e Burgess Meredith; "TARRASBOUBA" (de Alexander Granovsky, França), com outra grandiosa caracterização de Harry Baur; "O MUNDO É MEU", de Rouben Mamoulian, United), com Francis Lederer, Ida Lupino e Nino Martini; "O PODER DE RICHELIEU" (de Victor Seastron, Inglaterra), com Conrad Veidt e Raymond Massey; "ASSASSINO SEM CULPA" (Pierre Chenal, França). A versão francesa de "Crime e Castigo", de muito bom nível, com o próprio Chenal, Harry Baur e Madeleine Oseray; "O AMOR DE UM ESTRANHO" (de Rovland Lee, Trafalgar), com Ann Harding e Basil Rathbone em filme de "suspense" fora do comum; "CARGA DA BRIGADA LIGEIRA" (de Michael Curtiz, Warners), com Errol Flynn e Olivia de Havilland, um épico de merecimentos; "LLOYDS DE LONDRES" (de Henry King, 20th.C.Fox), com Madeleine Carroll, Fred Bartholomew e Tirone Power; "O GENERAL MORREU AO AMANHECER" (de Lewis Millestone, Paramount), com Gary Cooper e Madeleine Carroll.

Conforme se poderá depreender foi um grande ano de cinema. (CONTINÚA NO PRÓXIMO NÚMERO)



«A queda da bastilha» de Jack Conway, Metro, com Ronald Colman

«Uma noite na Ópera», com os Irmãos Marx, um clássico entre as comédias.





Marta Mayen, a «estrêla» austríaca, de teatro e cinema, que atuará em nossa capital, vista na intimidade, em seu país, comendo mariscos em uma barraca popular.

Teatro Música

OSWALDO DE OLIVEIRA

Depois do relativo sucesso alcançado em São Paulo, está sendo apresentado no Rio a peça de Milor Fernandes «Uma Mulher em Três Atos». O autor desta peça é o mesmo que se assina pelo pseudônimo de Vão Gôgo. O elenco integrado por apenas dois nomes de grande cartaz: Armando Couto e Ludi Veloso.

★

Caberá ao Teatro de Estudantes a honra de levar à cena a peça de Raquel de Queiroz, «Lampião».

★

ESPERADA MARTA MAYEN

Até fins dêste mês, deverá chegar ao Rio, a fim de cumprir contratos em Rádio, Boites e Televisão, a «estrêla» Herta Mayen, vedeta do Teatro da Austria e Alemanha, cognominada «A Imperatriz da valsa».

Herta Mayen possui um grande repertório, dêle constando aplaudidos sucessos da música alemã, austríaca, inglêsa e, também, latino-americana. A vedeta passou a dominar, perfeitamente, os ritmos latino-americanos, devido as prolongadas temporadas que realizou na Argentina.

Além de grande cantora, Herta Mayen é, também, uma exímia bailarina ligeira e, em iflmes e operetas que «estrelou», demonstrou o seu mérito para a dança.

Suas atuações na Argentina, onde «estrelou» as revistas «Ulá-lá» e «Un pouquito de amor» (no Teatro Patagonia) e «Pasa cada cosa . . .!», com Miguel de Molina (no Teatro El Nacional), e onde se exibiu durante meses na buate Embassy, asseguram-nos que a linda vedeta colherá triunfos no Brasil.

Seus maiores sucessos em filmes foram: «A casa cantante», com Hans Moser e «Primavera do céu», dirigido por Jacoby. Na opereta foram magníficas as suas criações de Adela, em «O morcego», levada à cena no Ópera do Estado, de Munich; o de Cibuleta de «Uma noite em Veneza», de Strauss, encenada no Ópera de Estado, de Viena e na figura de Valencienne da mundialmente aplaudida «A viúva alegre». Foram sempre com êxito as suas «tournées» nos maiores teatros da Alemanha, Austria e França, quando estrelou as operetas clássicas do imortal Strauss.

Atualmente, encontra-se em Viena, preparando-se para sua vinda ao Brasil, contratada pela Emprêsa Eva Garty, que tem recebido inúmeras propostas de rádios, buates e TV que desejam contar com o concurso da «estrêla».

Prosseguem, com grande intensidade, os ensaios da Companhia Dramática Nacional que prepara o repertório para a próxima temporada.

★

Alda Garrido comemora o segundo ano de apresentações da peça de Pedro Bloch «Dona Xepa». Mais de trezentas mil pessoas já assistiram êste espetáculo que está batendo um recorde de permanência em cartaz.

★

Caribé da Rocha, diretor artístico do «grill-room» do Copacabana Palace, seguiu para Argentina a fim de contratar elementos que integrarão os próximos «shows».

★

José Maria Monteiro é atualmente, dos jovens diretores brasileiros, o mais ativo. Depois de «A Rainha do Ferro Velho» prepara a «mise-en-cenne» de «A Mulher do Diabo» que será a próxima apresentação dos «Artistas Unidos».

Rádio

EDEL NEY

ROBERTO LUNA

Dentre os «astros» e «estrêlas» cariocas que estão atuando com sucesso, atualmente, em S. Paulo, nenhum se destacou tanto quanto o jovem, porém já vitorioso ROBERTO LUNA, por muitos considerado a voz mais bonita de nossa nova geração de cantores. Seus programas, na Rádio Nacional, são concorridíssimos. Roberto é um verdadeiro ídolo da mocidade paulista e a platéia vibra quando o intérprete aparece. Com tão poucos meses, Roberto Luna já desfruta, contudo, de um prestígio e popularidade de «astro». Pessoalmente, constatamos o seu tremendo cartaz. Participa, por essa razão, de todos os grandes programas da sua Emissora. Luna, como todos não ignoram, começou na PRE-NENO e, fazendo-se notar imediatamente, foi contratado com exclusividade pelo Rádio Clube do Brasil. Quando esta fechou, Roberto obteve um vantajoso contrato da nova Rádio Nacional da paulicéia e para lá se transferiu. Quase semanalmente, contudo, está no Rio, pois tem vindo gravar uma série de discos para a Musidisc, sua atual gravadora. (Luna deixou a Copacabana há pouco tempo, amigàvelmente). Já gravou um «long-playing» e fortes discos em 78 R.P.M. Aliás, já tem inúmeros êxitos levados à cêra. É um dos cantores que mais gravará no ano que vem, segundo nos assegurou o Nilo Sérgio, diretor artístico da citada etiquêta. Em 1954 espera lançar, à par de grandes sucessos do passado, os samba-canções inéditos: «Tu» e «Tua bôca».

—//—

ALZIRO ZARUR continua movimentando Deus e o mundo, com a finalidade de tornar a Associação Brasileira dos Cronistas Radiofônicos, dentro em breve, uma entidade viva e palpitante, como deve ser.

DISCO — NOVIDADES

HOMERO MARQUES, um dos cantores mais populares de S. Paulo, recordista de vendas da Odeon, gravará um disco que está fadado a uma repercussão no Brasil inteiro. Isso devido aos números essencialmente comerciais que comporão a chapa. Na face «A», o exclusivo da Nacional paulista gravará «A valsa dos noivos» e, na face «B», «A valsa das debutantes», essa última de autoria de Nazareno de Brito, o compositor do fox «Encantamento», o mais recente êxito de Angela Maria.

Dois dos mais expressivos números de Zèquinha de Abreu, o chôro «Tico-tico no fubá» e a valsa «Tardes em Lindóia», foram gravados em sêlo Copacabana, em grande estilo, pela ORQUESTRA BRASILEIRA.

—//—

GILBERTO ALVES, recentemente contratado pela Copacabana, é um dos velhos ídolos da música popular brasileira. Gilberto também comparece no mais novo Suplemento dessa fábrica com um disco que está causando comentários. Na face «A», «Fôrças do destino», chorinho de Ari Cordovil, Ivo Santos e G. Lima. Na face «B», «Nosso êrro», samba-canção de Neco e Fernando Martins.

—//—

LOLITA RIOS, nova «estrêla» do disco, tem nova chapa a venda. Na face principal, Lolita faz-se acompanhar de Orquestra e um bonito côro infantil, a fim de interpretar a valsa «O disco da Páscoa», de Ari Monteiro e Irani de Oliveira. No acoplo, sòmente com Orquestra, canta o samba-canção «Um de nós dois» de Ari Monteiro, A. Moreira e A. Peixoto. Disco Copacabana.

Roberto Luna, alvo de uma reportagem na secção de hoje, ao lado do maestro Leo Perachi e Nilo Sérgio, quando entrevistados por Edel Ney.





A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem.

LEITORES do RIO, S. PAULO, BAHIA E PÔRTO ALEGRE JULGAM OS FESTIVAIS

DE PÔRTO ALEGRE — DE R. QUEVEDO

A Semana do Leão

Não, senhores, não é alergia. Tampouco antipatia. Bem ao contrário. Os abonados do Tio Sam, acima de tudo, são os propulsores do mundo civilizado, não civilizado. Mundo, Sol, Lua, Marte, Léo, Virgo e Leão — Leão. Eu disse Leão, perdão brasileiros. Mil vêzes perdão. Não é que o público bonachão desta valorosa cidade de Pôrto Alegre como se diz — encheu as medidas. O Leão berrava (urrava?) à moda "terneiro" guacho. Pudera, coitado: 20, 30, 50 vêzes por dia, durante uma semana, não deu tréguas. Assustou crianças de 10 a 90 anos. Fêz "papanatas" na rua da Praia. Marcou "bamboleado" no American Boyte. Foi bicho da universidade e até arranjou casamento. Sim! É o que se conta à bocas-cheias. A solteirona desenhava um leão ("abatonado") no colarinho do fogoso Romeu, quando êste só via Metro, Metro e Leão da Metro. Esqueceu o "casse-tête" e a normalista foi a providência acertada — na opinião sisuda do titular da Delegacia de Costumes — convidou-se o infalível (Jubas) para padrinho pois a coisa era de casamento.

Lembrando os derivados da fera, no primeiro plano encontramos (Victor Mature) desastrado empresário de cangurus, em um de seus mais adaptáveis papéis (quem já tem cara de judeu). Secundando o "astro" vem o "boxeur" australiano — com pinta de Lewgoy ("Amei um bicheiro"). Esther Williams "estrelíssima", como sempre é claro, limitou-se tão sòmente a escandalisar a juventude centenária de uma praia. Provocantemente, moderna, desfilou ante os olhos, atônitos de desbotadas matronas: acabou no xilindro. Quanto ao mais o Leão berrou e destoou, no (Júlio César), (Prisioneiro de Zenda), (O Preço de um Homem). A êste último sim, provocou que o homem não vale nada mesmo. "Rainha Virgem", conforme a maioria dos "tecnicolor", arrancou suspiros ritmados. Há "brotinhos" em tôdas as idades.

(Setewart Granger) másculo (Alá Tenório) acalentou os agitados sonhos da mulher gaúcha, que não conformada com as constantes presenças (in-tela) pretendem criar um clube (Scaramouch). Depois tivemos bonitas canções, danças folclóricas na magia colorida do (México dos Meus Amôres) e o saudoso Clark Gable, querendo ficar grisalho aos 100 de bem vividas eras, fazendo misérias no panorama dantesco e bizarro dos super-confortáveis estúdios do leãozinho (mamon) e no mais muita correria, filas de legua e meia, um público ávido de côres, beijos e leão e muita "grana". (THE END): jaula no bicho!...

DE SÃO PAULO: CAIO SÉRGIO HAMILTON

O FESTIVAL M-G-M

Foi digna de elogios, sem dúvida nenhuma, a idéia da Metro Goldwyn Mayer lançar 7 películas numa semana, nas principais cidades do mundo, para comemorar o seu 30.º aniversário de fundação. Se não fôsse o Festival Internacional, há pouco realizado em São Paulo, êsse seria o acontecimento cinematográfico do ano. O festival se deu de 11 a 17 de março e os filmes apresentados foram os seguintes: "Júlio César", "O prisioneiro de Zenda", "México dos meus amôres", "A viúva algre", "A história de 3 amôres", "Mogambo" e "A rainha virgem". A Metro fêz questão de apresentar ao público filmes que correspondessem à expectativa e para tanto usou os seus "astros" e "estrêlas". Os trabalhos de maior responsabilidade foram representados por Marlon Brando (Júlio César) e Jean Simmons (A rainha virgem).

Os que mais apareceram foram: Deborah Kerr (Júlio César, O prisioneiro de Zenda e A rainha virgem) e James Mason (Júlio César, O prisioneiro de Zenda e A história de 3 amôres). Pier Angeli e Stewart Granger se destacaram respectivamente em: México dos meus amôres e A hisória de 3 amôres e O prisioneiro de Zenda e A rainha virgem. Outros pontos altos do festival: a participação da bailarina inglêsa Moira Shearer no episódio "Amor ciumento" de "A história de 3 amôres", (exibido apenas no festival de São Paulo). Cyd Charisse, a deusa bailarina em México dos meus amores, AvaGardner em "Mogambo" e a dupla Farley Granger-Leslie Caron em "Mademoiselle", de "A história de 3 amôres".

DO RIO: IVAN RIBEIRO DE SOUZA — BALANÇO DE UM FESTIVAL MAIS MODESTO

Logo se vê que trata-se do realizado aqui no Rio e em São Paulo, além de outras cidades do mundo, pela Metro, comemorando seus 30 (trinta) anos de progressos, na arte (e indústria) de fabricar (e artezanar) filmes, pelo menos tècnicamente.

Desnecessário será comentar aqui o tremendo tumulto e horas perdidas, acontecidas, nos dois primeiros dias da exibição do festivalzinho, que diga-se de passagem não valeu muito o sacrifício.

Para começar deve-se dizer que a maioria dos filmes exibidos eram produções atrasadas até de dois anos! Em seguida o baixo valor cinematográfico das fitas com exceção de duas, assim mesmo, com algum esfôrço, por uma delas não ser lá muito cinema...

A direção resulta da fiel observância ao texto de William Shakespeare, por parte do inteligente Joseph Mankiewicz em "Júlio César"; portanto, teatral e literária, é o valor dêste filme. Não houve um adequado tratamento de cinema que chegasse ao vigor e a pujança literária e cinematográfica intimamente unidas, entenda-se, como houve em "Macbeth" de O. Welles, "Hamlet" de L. Olivier ou aquela distinção do tempo teatro e tempo cinema existente em "Henrique V" de L. Olivier. Ficou em "Júlio César" o trabalho de alguns atores como John Gielgud (ator shakespeareano) como "Cássio", James Mason, como "Brutus"; Edmond O'brien (também shakespeareano) como "Casca"; ou a figura atlética de Marlon Brando como "Marco Antônio" e o "Júlio César" de Louis Calhern. Cite-se a música de M. Rozsa, a fotografia de Joseph Ruttenberg valorizando, grandemente a fita. No entanto não pode deixar de ser vista pela arte.

"Mogambo" foi um equívoco de John Ford. Para que ir a África filmar uma história que poderia ser feita mesmo em Hollywood? Tal filme será apenas um agradável divertimento e positivamente, meia-hora depois de tê-lo assistido, já o esqueceremos. Clark Gable, desta vez, é a vitima das ímpiedosas piadinhas e gracejos da irreverente Ava Gardner, coisa que aliás, acontece o filme todo, deliciando a platéia. A melhor figura do elenco é, no entanto, Grace Kelly, uma novata. Não há sombra de um John Ford neste "Mogambo" e de África mesmo, e suspeito afirmar...

O outro filme do "Festivalzinho" foi "A Rainha Virgem' de George Sidney, que tanto dirige musicais, como drama, comédia e históricos romances como a desta fita. Alguém disse que morrendo "Henrique VIII", notàvelmente interpretado pelo Charles Laughton acabara-se o filme... Ainda assim, devemos considerar a linha dramática do filme que sendo (ou procurando ser) fiel à história, não descamba para o dramalhão, como bem fácil podia se tornar... É êste o maior valor da direção de G. Sidney, além das figuras de Jean Simmons interpretando a "Young Bess", Stewart Granger, Deborah Kerr, Guy Rolfe e Cecil Kellaway. Música do operoso Miklos Rozsa.

O quarto filme foi "A Rainha do Mar" com Esther Williams, Victor Mature, David Brian e Walter Pidgeon, além de "Technicolor", é claro, por sinal admiràvelmente empregado. A definição justa desta película: Ester cercada de água por todos os lados... nem como biografia!

"México dos Meus Amôres" possui um elenco de escol: Pier Angeli, Vittorio Gassmann, etc. etc., todos dirigidos por Norman Foster. Mas tudo lamentàvelmente desperdiçado: tempo, dinheiro, colorido, filme, o diabo! Uma história destas não dava para nada, mesmo. Como disse meu amigo Jafa, "México dos meus Amôres" é uma barbaridade total...

Eis que nos chega uma terceira versão, desta vez, colorida de "O Prisioneiro de Zenda". Não é pior, nem melhor que os outros. É apenasmente luxuoso e movimentado, como manda a fórmula de uma ação passada em castelos, reinos, prisões, alcovas, traidores etc. Logo, nada de novo. Comparecem: Stewart Granger, Deborah Kerr, James Mason, Jane Greer e... só!

(Cont. na pág. 34)

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

Óleo de Peroba

COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBILIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VESPERA

Óleo de Peroba
PARA LUSTRAR, LIMPAR E RENOVAR MOVEIS - PIANOS RADIOS - GELADEIRAS ETC.

QUER SER ESCRITOR ?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Toumanova em São Paulo...

(Continuação da pág. 27)

povos» e «A dança e a imagem») significa um precioso documento de brilhante época do «Ballet Russo de Monte Carlo». Finalmente, Toumanova apareceu em outra película de longa metragem, de apresentação recente, « Sinfonia eterna ». Aliás, dançou muito bem e sem as acentuações referidas acima, inclusive no seu famoso «Don Quixote». Contudo, o seu melhor trecho no filme foi no extraordinário desempenho de «A morte do cisne». Por gentileza da 20th. C. Fox do Brasil, através do sr. Bavetta, esta impressionante passagem será revista em «Festival Ballet», o terceiro Festival Mundial de Filmes de Dança cujas inscrições estão abertas no Rio, São Paulo e Pôrto Alegre.

Alan Ladd já foi servente...

(Continuação da pág. 4)

lícula feita na Warner depois de deixar a Paramount; "Os brutos também amam", um dos maiores "westerns" dos vários tempos.

Antes de 1952 os principais foram: "Capitulou sorrindo", com a excêntrica Veronica Lake, de quem estamos saudosos, dos cabelos caindo pelo rosto, escondendo a fisionomia. "Nunca é tarde" o seu primeiro filme, depois de ter servido no Corpo Aéreo dos Estados Unidos. "Quase uma traição" em que se defendia com classe, dos "gangsters" e no qual era um jogador, apostando o último níquel num cavalo. "Dália Azul" etc. Porém, foi em "Alma Torturada" que ganhou fama da noite para o dia. Antes só fizera "pontinhas" desapercebidas, como por exemplo, no primeiro filme em que trabalhou, desempenhou um papelzinho. Isto foi em "Dragão Dengoso" de Walt Disney!

Quais os filmes que...

(Continuação da pág. 5)

(de Norma Shearer), etc. se as mesmas produtoras rodaram o mesmo assunto com novos intérpretes. Outro caso que, de maneira geral, será conveniente evitar é o relativo às películas que já tenham sido "reprisadas" há pouco tempo.

Dentro de alguns números publicaremos a primeira apuração. Aconselhamos aos leitores a leitura das páginas 6, 7, 8 e 9 ("Os melhores de todos os tempos") onde, semanalmente, estão sendo recordados grandes filmes do passado.

Página do leitor...

(Continuação da pág. 33)

Por fim, terminado o segundo fraquíssimo "Festival" (o outro foi de São Paulo) cinematogràficamente falando, exibiu-se "Viúva Alegre" com uma Lana Turner, sem nada para mostrar, a não ser seus cabelos louros (agora pretos) e nem tendo a coragem de cantar (outra o fêz), acompanhada do canastroníssimo Fernando Lamas, êste cantando também. Da opereta de Lehar, nada ficou, pelo menos para quando de nossa saída do cinema, assobiássemos alguma coisa... Mas a mediocridade, impediu-nos pelo menos a esta justa homenagem popular ao notável e inesquecível Franz Lehar. Que pena!

E assim sem saudades terminou a festa MGM oferecida aos fãs dêste Rio. Uma festa pobrezinha e nada mais. Esperemos que o próximo seja mais substancioso. É bom lembrarmos que a Arte Filmes apresentará o "seu" Festival. Desnecessário dizer, pela lista de filmes que o compõe, o valor cinematográfico daquela futura mostra...

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



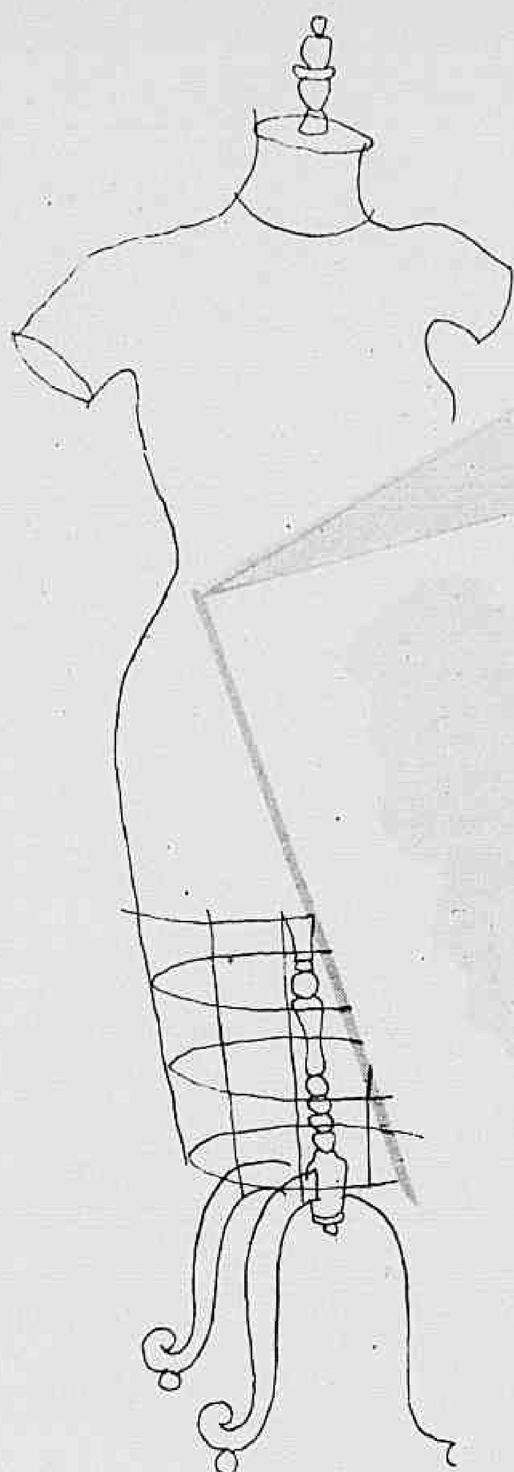
Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME...............................
RUA.................... Nº.......
CIDADE.............................
ESTADO.............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN



"modista"...

... é aquela que, na confecção
de belos vestidos, reune à sua arte
o mais apurado bom gôsto.
Êsse mesmo bom gôsto é
que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.265

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

NO PRÓXIMO NÚMERO:

★ **ISTO É «CINERAMA» (sensacional!)**

★ **O AMOR ENTRE UM PAR DE JOVENS ATORES**

★ **A FANTASIA NO CINEMA**

★ **"OS FILHOS DO AMOR" (NOVELA DAS IMAGENS)**



MARA CORDAY
(Universal)